

TEATRO

AMADO, JORGE

Antônio Roberto Gerin

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 381.476

Personagens

Narrador	<i>(Adalto Bezerra, mais conhecido como Adalto Chupa-Fumo, vigorosos setenta e dois anos.) (Poeta, agregado dos coronéis Bonfins.)</i>
Adalto Chupa-Fumo	
Coronel Benvindo Bonfim	
Coronel Jorge Bonfim	<i>(Filho do coronel Benvindo)</i>
Dona Marinha	<i>(Primeira esposa do coronel Jorge Bonfim)</i>
Dona Quinha	<i>(Segunda esposa do coronel Jorge Bonfim)</i>
Neném	
Madalena Chora-Manso	<i>(Prostituta. Mãe de Neném.)</i>
Soninha Paraíba	<i>(Prostituta)</i>
Matilde Tesourinha	<i>(Idem)</i>
Dulcineia Ventosa	<i>(Idem)</i>
Sacramento	<i>(Idem)</i>
Dorinha	<i>(Idem)</i>
Jurema Topa-Tudo	<i>(Idem)</i>
Rosiclé	<i>(Idem)</i>
Vadinho	<i>(Personagem criado por Jorge Amado)</i>
Dona Flor	<i>(Idem)</i>
Perpétua	<i>(Idem)</i>
Ção	<i>(Idem)</i>
Glorinha	<i>(Idem)</i>
Nacib	<i>(Idem)</i>
Zezinha do Butiá	<i>(Idem)</i>

Cenários

.Cenário da casa do narrador.

.. Varanda de uma casa, no interior do sul da Bahia, cidade de Bonfim, de onde Adalto Bezerra narrará a curiosa história de sua vida. A varanda será representada por uma cadeira de balanço, ladeada de vasos com flores. O personagem vestirá roupa branca e sandálias de couro.

.Cenários da casa do coronel Jorge Bonfim.

.. Gabinete. Uma mesa pesada, sobre a qual se veem, de forma desordenada, telefones, mapas, dossiês, papéis e fotos. Uma cadeira de

espaldar alto, atrás, e uma cadeira simples, mas confortável, à frente da mesa. Na parede, ao fundo, um quadro, desses que se veem em repartições públicas, com a foto do Presidente da República. O rosto do presidente é disfarçado por uma dessas técnicas deformadoras, geralmente usada na televisão para esconder o rosto de menores infratores.

.. Quarto do Neném. Mesa simples, sobre a qual se espalham livros, revistas e um microcomputador, conforme indicações do texto.

. Janela.

.. Janela de casa montada pelo coronel Jorge Bonfim para acolher suas manteúdas.

. Cenário com os livros de Jorge Amado.

.. Ao fundo, surgirão, um a um, os principais livros de Jorge Amado, conforme nomeados a seguir. Dona Flor e Seus Dois Maridos, Jubiabá, Mar Morto, Capitães da Areia, Terras do Sem Fim, Os Subterrâneos da Liberdade, Gabriela Cravo e Canela, São Jorge de Ilhéus, Bahia de Todos os Santos, Os Pastores da Noite, Tenda dos Milagres, Tieta do Agreste, Tereza Batista Cansada de Guerra, Tocaia Grande, Seara Vermelha, A Descoberta da América pelos Turcos e Navegação de Cabotagem. Cada livro teria formato idêntico, com altura de mais ou menos quatro metros, variando a largura da lombada conforme a espessura do livro, podendo a largura ser determinada em 15 cm para cada cem páginas. O nome de cada livro virá indicado na própria lombada. Os livros indicados no texto terão em sua lombada uma pequena portinhola, por onde sairão e entrarão os personagens. A ordem dos livros, exceto para os que são determinados no texto, poderá obedecer à proposta da montagem.

. Cenários dos Livros de Jorge Amado

.. Cama de ferro

.. Cassino Palace

.. Bataclan

.. Janela da casa posta pelo coronel Amâncio Leal, na qual Glorinha, sua manteúda, se exhibirá para os transeuntes.

. Outros cenários que o texto indicar.

. Indicação do autor.

.. Os personagens Narrador e Adalto Chupa-Fumo são a mesma pessoa, portanto, devem ser representados pelo mesmo ator.

ATO I**CENA 1**

NARRADOR

(Solene, levanta-se da cadeira de balanço, posicionada ao canto de uma ampla varanda de casa no interior do sul da Bahia. Pitando sempre um velho cigarro, que em vão às vezes tenta acender.) - Prezados senhores! E também mui prezadas senhoras. Vou contar uma história. Uma história verdadeiramente verídica, asseguro-lhes! E ao lhes contar o que ouvirão, uma inacreditável história acontecida com pessoas por mim muito queridas, estarei na verdade prestando homenagem a uma ilustre figura de todos vocês conhecida. Só lhes peço que ao atravessarem aquela porta, *(Aponta.)* por favor!, digam e repitam o que ouvirem aqui a quem encontrarem pelas ruas, pelos restaurantes, e mais!, a quem porventura encontrarem em seus deliciosos leitões. Ah, já sei em que as senhoras estão pensando! Que eu vim aqui distribuir fofocas! Que meu propósito é manchar reputações, destruir sólidas carreiras políticas, tingir de lama os mais alvos e puros lençóis, ahn?! *(Esbraveja.)* Não importa o que pensam e digam de mim. Poeta do acaso! Versejador de rimas pobres! Trovador de glórias passadas! E daí? Só porque passei minha vida proclamando em versos a honestidade de políticos que me acolheram da rua e me deram a dignidade de ter todo dia um prato de comida? Acham pouco um prato de comida, senhoras? Pois deixem-me lhes dizer uma coisa. Só existe um tipo de político verdadeiramente honesto neste país. Os coronéis! Mesmo nestes tempos modernos, são os únicos!

(Irrita-se.) Eu não sou um velho gagá. Eu sei do que eu estou falando. *(Faz uma pausa, arfa. Tosse.)* Eu tenho a meu favor um aliado que não me deixa mentir. Jorge Amado, conhecem? Pois foi ele, senhoras, nosso ilustre escritor baiano, quem me fez entender a importância dos coronéis para a história deste país. A ele devo minhas conclusões e minhas certezas. Parem e pensem. Meditem e me respondam. O que seria do nosso glorioso país sem os nossos coronéis? *(Suspira, arfante, dando a impressão de que está tendo um princípio de infarto. Respira fundo, aos poucos se recupera.)* Ah, senhoras...! Eu vim a este mundo pra amar os coronéis! E me orgulho disso. Nosso ingrato povo também devia amar seus coronéis! Os senhores, homens honrados, se tivessem conhecido meu grande amigo e mecenas, o maior dos coronéis, o honestíssimo coronel Jorge Bonfim, com certeza estariam sonhando com um grande Brasil! *(Pausa.)* Eu, um poeta pequeno, humilde e leal versejador, coloco aqui meu lirismo a serviço da pátria. *(Declama.)* No solfejo da aurora / Por dentro da mata cavalga / Carregando sua honesta espingarda / O homem que dominará a terra do cacau! *(Aponta.)* Pois, neste momento, eu lhes apresento o meu mui honrado e não menos honesto, o coronel Jorge Bonfim.

CENA 2

- CORONEL BONFIM *(Levantando-se da cadeira, com as mãos espalmadas sobre a mesa.)* - Não me chame de coronel, poeta dos famintos!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Acuado.)* - Mas... mas, coronel...!
- CORONEL BONFIM Coronel é a puta que te pariu!
- ADALTO CHUPA-FUMO Não há razão pra tanto nervosismo...!
- CORONEL BONFIM Quantas vezes mais vou precisar dizer que eu não

sou coronel?

- ADALTO CHUPA-FUMO Qual seja, acalme-se...
- CORONEL BONFIM Doutor! Me chame de doutor.
- ADALTO CHUPA-FUMO Doutor ou coronel, a importância do homem é a mesma. Só não entendo por que essa mudança repentina. Essa estranha recusa a um nobre e secular tratamento!
- CORONEL BONFIM Você, com essa poesia descabelada, feita de rimas tortas e palavras podres, ainda vai destruir minha carreira política! Você, poetinha da obscuridade, canta em versos o que o país já jogou no lixo da História há muito tempo!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas... e seu querido pai, o coronel Benvindo...?
- CORONEL BONFIM Não chame meu saudoso pai de coronel!
- ADALTO CHUPA-FUMO Chamá-lo de quê, então?
- CORONEL BONFIM De deputado!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas ele nunca foi deputado...!
- CORONEL BONFIM Então chame-o de o falecido doutor!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas ele nem sabia ler...!
- CORONEL BONFIM Não sabia ler, mas tinha boa pontaria.
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Encanta-se.)* - E que valentia!
- CORONEL BONFIM Não se fazem mais homens como ele, Adalto Chupa-Fumo.
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Pitando um velho cigarro, relaxado.)* - Hoje todos uns bundas-moles! Belos discursos na tribuna, mas não conseguem acertar um elefante, quanto mais o peito de um homem! *(Aponta acintosamente para o público.)*

- CORONEL BONFIM Os tempos mudaram.
- ADALTO CHUPA-FUMO Pra pior!
- CORONEL BONFIM Hoje em dia as composições partidárias, os toma lá dá cá valem mais que mil pontarias! Estamos na modernidade, poeta do atraso! Hoje, dizer que é contra matança de jacarés dá mais voto que manter um sujeito na ignorância. E é mais barato! Um discurso bem armado vale mais do que uma tocaia!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Com ênfase desmesurada.)* - Mas, se for preciso, o senhor ainda consegue acertar o peito de um homem, não consegue, coronel?
- CORONEL BONFIM *(Vai à loucura.)* - Coronel é a mãe puta que te pariu!

CENA 3

- NARRADOR Mas, antes, senhoras, eu quero lembrar o saudoso coronel Benvindo Bonfim, o pai daquele que ali está. *(Aponta o coronel Jorge Bonfim.)* O coronel Benvindo era homem de fazer tremer a terra em que pisava. Iniciou-se nas práticas do coronelismo ainda jovem, nos anos mil novecentos e trinta, quando chegou tardiamente, vindo dos cafundós das Alagoas, às já prósperas terras do cacau, em Itabuna. Em paga de serviços prestados, ganhou do coronel Dilermano uns restos de terras virgens, pra lá da curva do mundo. O jovem Benvindo aceitou o desafio, levando consigo o menino Adalto Bezerra..., *(Aponta para si mesmo.)* este que vos fala! Eu, poeta prematuro, aos onze anos, já solfejava meus primeiros versos, de beleza rara, desprovidos de rima, como mandava o modernismo da época. Tão jovem, iniciei na poesia cantando os prazeres da vida. Ah, os prazeres da vida...! Os senhores sabem quais são... E as senhoras também, presumo. Vendo

aquele mundão perdido, meu saudoso coronel Benvindo suspirou!

CENA 4

- CORONEL BENVINDO *(Olhando ao longe.)* - Menino Adaltinho, isto aqui é o cu do mundo!
- ADALTO CHUPA-FUMO O cu da Bahia, meu sinhozinho!
- CORONEL BENVINDO *(Indignado.)* - Você acha que eu mereço isso?
- ADALTO CHUPA-FUMO Não merece.
- CORONEL BENVINDO O coronel Dilermano devia ter-me prevenido.
- ADALTO CHUPA-FUMO Ele jogou vosmecê no meio da bosta. E bosta não vai fazer de vosmecê um coronel. Quando muito, um capitão!
- CORONEL BENVINDO *(Irritado.)* - Mas eu vim aqui pra ser coronel, Adaltinho!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Olhando, insinuativo, para os lados, no horizonte.)* - Bem... nesse caso... vosmecê vai precisar de muita pontaria...
- CORONEL BENVINDO Quantos tiros eu vou precisar acertar, Adaltinho, pra ser coronel? *(Com o revólver, dá um tiro na direção do público.)*

CENA 5

- NARRADOR O jovem Benvindo agregou ao título de coronel muitas terras e o mando absoluto da promissora cidadezinha que ele mesmo fundou. E coube ao poeta aqui *(Aponta o próprio peito.)* enfeitá-la com um nome.

CENA 6

- ADALTO CHUPA-FUMO Pra que vosmecê não fique vexado e as piadinhas não se espalhem, vamos logo dar um nome a esse buraco, capitão.
- CORONEL BENVINDO Será Jucineia!
- ADALTO CHUPA-FUMO Jucineia, capitão?
- CORONEL BENVINDO Em homenagem à primeira puta que por aqui apareceu.
- ADALTO CHUPA-FUMO Aquela que morreu esfaqueada nos braços do coronel Cerqueira?
- CORONEL BENVINDO Ela mesma, a nossa heroína!
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Empolga-se.*) - Isso é poesia, capitão!
- CORONEL BENVINDO (*Declama, imaginando um discurso.*) - O cacau exportado pela cidade de Jucineia vai ganhar o mundo...!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas...
- CORONEL BENVINDO Mas o quê, Adaltinho?
- ADALTO CHUPA-FUMO As senhoras honestas de Jucineia não vão ficar ofendidas?
- CORONEL BENVINDO Por acaso, marido costuma matar mulher honesta?
- ADALTO CHUPA-FUMO Não, capitão.
- CORONEL BENVINDO Então que continuem honestas e esquecidas!
- ADALTO CHUPA-FUMO Talvez eu tenha algo melhor, capitão!
- CORONEL BENVINDO Que seja mesmo, Adaltinho!
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Estendendo a mão, como se olhasse ao longe.*) - Se isso tudo aqui é o cu da Bahia, meu capitão, então vamos dar-lhe um disfarce. Que tal

Quebradas do Ó?! (*Faz o gesto obsceno, empunhando a mão direita.*)

CORONEL BENVINDO (*Pensando, enquanto atira no círculo obsceno feito pelo poeta.*) - A cidade de Quebradas do Ó exportará o melhor cacau do mundo!

ADALTO CHUPA-FUMO E será o paraíso das putas, meu coronel!

CORONEL BENVINDO (*Encantado.*) - Você me chamou de coronel, poeta Adaltinho?!

CENA 7

NARRADOR Quebradas do Ó tornou-se reduto muito respeitado no sul da Bahia, graças às bravuras da família Bonfim. Ali nasceu o filho, o menino Jorge Bonfim, herdeiro de tudo o que lhe caberia em terras, poder e voto. Já que respeito é essencial, primeiro o casamento! O moço Jorge Bonfim foi pescar na prestigiada sociedade itabunense uma recatada donzela, que viria a lhe servir de esposa e futura mãe de seus filhos. Estive no casamento, na condição de honrado padrinho. Festa que duraria três dias e três noites, numa pajelança nunca vista, na qual certos convidados, acompanhando o inquieto noivo, oscilavam entre a casa do pai coronel Benvindo e a casa de diversões variadas de Guilhermina Peito de Aço. Onde eu, aliás, por inspiração de algumas meninas, acredito ter derramado os melhores versos da minha vida. Não tardou o moço Bonfim tomar certas providências, afinal, todos nós sabemos que o casamento impõe certos limites, que, para transpô-los, exige-se pouca astúcia, e muito dinheiro.

CENA 8

- CORONEL BONFIM *(Na cama de ferro.)* - Minha bichinha, agora que me tornei homem sério, não podendo desfrutar amiúde do caloroso convívio de seu disputado xibiu, venho-lhe propor exclusividade. Casa montada e conta no armazém de Pedro Esquimó.
- SONINHA PARAÍBA *(Feliz, há muito pensando em dar descanso merecido ao xibiu.)* - Escolho tudo? Casa, móveis, lençóis?
- CORONEL BONFIM Tudo. Mas se me cornear, seu caixão escolho eu!

CENA 9

- NARRADOR Na fazenda, Dona Marinha, linda e fresca esposa. Na cidade, exclusiva e ardente xoxota. *(Aparecem à janela os suntuosos seios de Soninha Paraíba.)* O que mais faltava ao jovem Bonfim? Aguardar o posto de coronel, o já sonhado cargo de deputado e a tão esperada paternidade. O posto veio logo. O pai, meu saudoso coronel Benvindo, morreu chupado por uma terrível doença que, dizem, tê-lo-ia feito pagar em terra os tonéis de sangue que derramou no sul da Bahia. O cargo de deputado estadual veio com a ajuda de artimanhas e ameaças. E também dos meus versos, cantados em esquinas e cabarés, esculpido em aplausos à bravura, à honradez e à bondade do nosso coronel! Mas a vinda do filho mantinha-se em constante demora, pra desespero do coronel e tristeza de dona Marinha.

CENA 10

- DONA MARINHA *(Implorando.)* - Mas, painho...
- CORONEL BONFIM Eu não sou painho! Queria ser, mas ainda não sou.
- DONA MARINHA Tenha paciência. Uma hora pega...

CORONEL BONFIM Como uma hora pega?! Todo dia uma cacetada e nada!

CENA 11

NARRADOR De fato, as insistentes cacetadas do coronel nada resolviam. Dona Marinha, amantíssima esposa, ia cada vez mais definhando nos braços impacientes (*Faz o gesto obsceno de uma estroenga impaciente.*) do atencioso marido. Mas Dona Marinha não era só uma mulher sensível e bondosa. Também tinha esperteza, senhores! Esperteza que talvez falte à grande maioria das suas esposas. Dona Marinha satisfez a vontade do marido a partir de outra cama. Cama onde passaria a se deitar Madalena Chora-Manso, único xodó a dar à luz um filho do coronel. Mas antes, senhores invejosos, e senhoras honestas, havia passado pelo tão sonhado leito outras manteúdas, tantas, que fácil é perder a conta. Lembrem-se de Soninha Paraíba, a primeira, que não se cansava de deitar à janela seu apetitoso par de seios? (*Soninha Paraíba aparece à janela, exibindo o par de seios.*) Exibiu-os por muito pouco tempo.

CENA 12

CORONEL BONFIM Devolva essa vagabunda pro cabaré de Guilhermina Peito de Aço! Antes que aqueles peitos suculentos virem sopa de neném.

ADALTO CHUPA-FUMO O senhor me permite, doutor coronel, usufruir de xoxota tão...

CORONEL BONFIM Pode comer o resto! Eu permito.

ADALTO CHUPA-FUMO (*Feliz. Subserviente.*) - Muito agradecido.

CORONEL BONFIM Muxibenta!

CENA 13

NARRADOR Que delícia de xoxota, senhores...! (*Aparecem à janela os seios de Matilde Tesourinha.*) Agora a vez dos alvos seios de Matilde Tesourinha, cujo inquieto xibiu fazia sangrar a mais heroica das estrovengas.

CENA 14

CORONEL BONFIM Não há pau que agunte! Devolve pro puteiro!

ADALTO CHUPA-FUMO (*Olhos lúbricos.*) - Me permite...

CORONEL BONFIM Pode comer, poeta dos famintos!

CENA 15

NARRADOR A estrovenga inquieta do coronel já pedia a próxima.

CENA 16

CORONEL BONFIM Minha cama não pode ficar desprovida, poeta. Eu quero aquela.

CENA 17

NARRADOR (*Aparecem à janela os seios de Dulcineia Ventosa.*) - Dulcineia Ventosa falava tão baixinho, senhores, que arrepiava até os cabelos do escroto. Mas no dia seguinte, o coronel a enxotou a pontapés.

CENA 18

CORONEL BONFIM Nem em pensamento se corneia um coronel!

CENA 19

NARRADOR Em sonhos, Dulcineia pronunciou o nome de outro cavalheiro, senhoras, e pagou caro por isso. *(Aparecem à janela os seios de Sacramento. O narrador se apressa.)* - Esta é a Sacramento. Ah, senhores, que balaio!

CENA 20

CORONEL BONFIM *(Excitado.)* - Que balaio esplendoroso, poeta dos versos suculentos! Que balaio! Mal cabe na palma da minha mão.

CENA 21

NARRADOR *(Saudoso.)* - Ah, que balaio! Morram de inveja, senhores...!

CENA 22

CORONEL BONFIM O que seria de mim sem as putas, poeta dos invejosos?

CENA 23

NARRADOR *(Solene e apaixonado.)* - A próxima a florir os peitoris das janelas e as soleiras das portas, com

seu suculento par de seios, foi ela... Madalena Chora-Manso! (*O narrador olha para a janela, espera, Madalena não aparece.*) Essa sim mulher pra sustentar sozinha um bordel faminto! Ah, senhores, que linda e portentosa fêmea! Ah, senhoras... senhoras...! Madalena fornicava com os olhos / Fornicava nua, vestida de cetim / Em pé, na soleira, deitando manhas / Chorando mansinho do começo ao fim! Meu querido Jorge Amado! Você devia estar lá pra ver e descrever! E fazer arrepiar a estroenga do mais impassível dos homens. Santo Deus, que fez parir a última das mulheres! (*Silêncio, parece enxugar uma lágrima. Emociona-se.*) Desculpem, senhores! E as senhoras, espero que me compreendam e não duvidem das minhas lágrimas. Bem... O coronel mandou lacrar soleiras e peitoris, pra que nenhum olhar curioso atravessasse aquele santuário, onde em cavalgadas e êxtases, o coronel se deliciava com tão cobiçada xoxota. Quem foi, afinal, Madalena Chora-Manso? Adorada mãe daquele menino. (*Aponta Neném, acabrunhado, em seu quarto.*) E que fez Dona Marinha, a generosa, a sensível? Depois que o coronel, a pontapés, fez Madalena Chora-Manso desaparecer no mundo?

CENA 24

DONA MARINHA	Traz a criança pra casa, painho.
CORONEL BONFIM	Pra que esse gosto?
DONA MARINHA	Gosto de criança, só isso.
CORONEL BONFIM	Quer mesmo?
DONA MARINHA	Quero muito, painho.
CORONEL BONFIM	(<i>Rude.</i>) - Vai tratar como se fosse seu filho?
DONA MARINHA	Mais que isso, painho. Será nosso neném!

CENA 25

NARRADOR

Ficou o apelido, Neném. Dona Marinha criou o menino como se filho dela fosse. Dava-lhe o banho, penteava-lhe os cabelos, ministrava o xarope. Colocou em sua mão o primeiro lápis. Diante de seus olhos, o primeiro livro. Fabricou-lhe um coração doce e uma mente sagaz. Sagacíssima, como logo mais poderão ver. Mas ela..., coitada! Penso que o desgosto de não conseguir atender às ansiosas e legítimas cacetadas do coronel, levou-a lentamente para a cova rasa. Definhou em tosses, encharcou-se em catarros de sangue! Proibida de ir a qualquer médico, por ordens expressas do coronel, veio a falecer em tarde chuvosa. Grande perda pra Neném, um menino de oito anos, cujos traços de personalidade já exibiam uma moral inabalável. Ah! Mas havia coisas mais importantes com que se preocupar. As eleições! Deputado federal! Eu, um humilde colaborador, ex-tesoureiro de campanha, demitido injustamente sob suspeitas de ter surrupiado doações generosas de empreiteiras, eu, pra conquistar os votos da Bahia, sugeri ao coronel uma estratégia que me parecia perfeita. Jorge Amado! Isso mesmo, senhoras! Jorge Amado, o nosso cabo eleitoral!

CENA 26

CORONEL BONFIM

Chegará o dia em que toda a Bahia votará em mim! Isso você vai poder cantar em versos, poeta do apocalipse!

ADALTO CHUPA-FUMO

Se minha poesia não tem o alcance que o doutor precisa, tenho cá um poeta maior a lhe oferecer.

CORONEL BONFIM

Poeta?!

- ADALTO CHUPA-FUMO Jorge Amado!
- CORONEL BONFIM O escritor?
- ADALTO CHUPA-FUMO O próprio!
- CORONEL BONFIM Esse sujeito é um comunista!
- ADALTO CHUPA-FUMO Era, não é mais, nunca foi.
- CORONEL BONFIM Tem certeza?
- ADALTO CHUPA-FUMO Homem de letras refinadas, bom puxador de votos é!
- CORONEL BONFIM Será que ele vai querer subir no meu palanque?
- ADALTO CHUPA-FUMO Não vai precisar.
- CORONEL BONFIM Não?
- ADALTO CHUPA-FUMO A ditadura militar acabou. Vivemos numa democracia. E na democracia vale tudo. (*Mostra um cartaz, mais ou menos 60cm por 50cm, o coronel, sério, ao lado de Jorge Amado. Vê-se que a montagem é um tanto tosca.*) Dê uma olhada.
- CORONEL BONFIM Mas esse sou eu!
- ADALTO CHUPA-FUMO E esse, o escritor.
- CORONEL BONFIM Eu não me lembro de ter tirado...
- ADALTO CHUPA-FUMO Não se preocupe. Ele está na Europa. Nem vai saber. Quando voltar, a eleição já foi. Ademais, é uma homenagem que estamos prestando a nosso ilustre escritor.
- CORONEL BONFIM Poeta das soluções geniais, me dê aqui um abraço! (*Abraça-o.*) Se Jorge Amado é baiano, ele tem mesmo é que servir aos políticos da terra. É obrigação!

ADALTO CHUPA-FUMO É uma homenagem ao escritor, doutor coronel. E, se é uma homenagem, não estamos enganando o povo.

CORONEL BONFIM *(Irritado, agride Adalto Chupa-Fumo.)* - Quem disse que eu estou enganando o povo? Nunca diga isso na minha frente, cafetão dos versos senis, plagiador de estribilhos! Eu nunca enganei ninguém!

CENA 27

NARRADOR *(Entre magoado e irritado.)* - Meu coronel não foi eleito deputado federal pela Bahia. Mais uma vez traído pelo povo. E pela lei, que contestou os cartazes. Isso significa contestar nosso grande escritor, senhores! A lei neste país, senhoras, foi feita pra atender aos poderosos. Mas as ideias progressistas do coronel Bonfim estão aí, plantadas no imaginário popular e um dia vão florescer. Daqui a quatro anos haverá casa pro povo! Comida pro povo! Trabalho de sol a sol pro povo! Pra esse povo sofrido e ingrato!

CENA 28

NENÉM *(Grita, desesperado.)* - Poeta, eu sou um filho da puta?

CENA 29

NARRADOR Fui pego de surpresa, senhoras, naquela manhã de domingo.

CENA 30

e um bode capado! Fora daqui!

CENA 33

NARRADOR

Minha dialética, senhores, não faz distinção entre uma puta antes, durante e depois. Mas mãe é mãe, e não há dialética que vá dizer o contrário. Quem não deseja conhecer a própria mãe? Mesmo sendo a mãe uma mulher-puta? Ou uma puta-mulher?!

CENA 34

NENÉM

Vou procurar minha mãe, poeta.

ADALTO CHUPA-FUMO

Pra que essa obsessão?

NENÉM

É minha sina!

ADALTO CHUPA-FUMO

Sua mãe é dama do mundo! Onde encontrá-la?

NENÉM

Onde quer que ela esteja!

ADALTO CHUPA-FUMO

(Nervoso.) - O mundo é grande demais!

NENÉM

Meu coração de filho é maior que o mundo, poeta!

CENA 35

NARRADOR

(Enxuga uma lágrima.) - Não há poesia que cante a saudade de um filho, senhoras... Nem lágrimas que amparem a ausência de uma mãe! *(Reage, fugindo à emoção.)* Vamos prosseguir. São tempos de novas eleições, e o coronel precisa ser eleito.

CENA 36

- CORONEL BONFIM *(Aponta a janela.)* - Quero encontrar carne nova pra ocupar aquela janela.
- ADALTO CHUPA-FUMO O senhor devia largar um pouco os bordéis, doutor coronel.
- CORONEL BONFIM E o que é que eu vou ficar fazendo enquanto as próximas eleições não chegam?

CENA 37

- NARRADOR Bordel é fonte de diversão, os senhores sabem muito bem disso. Também fonte de inspiração. Dos bordéis saem as melhores ideias que são vendidas, em cima dos palanques, por este país afora. Foi lá que o coronel decidiu culpar o sistema financeiro pela miséria do povo nordestino. Não a seca! Culpar a seca é culpar Deus, isso nunca! Ah, mas a melhor ideia tive eu, deitado nos braços de Matilde Tesourinha...! *(Solene.)* O coronel precisava de uma nova esposa!

CENA 38

- ADALTO CHUPA-FUMO Esposa pra botar no palanque, coronel.
- CORONEL BONFIM No palanque?
- ADALTO CHUPA-FUMO O que não falta é mulher doida pra parir. Escolhe uma de ancas largas, pra não ter dúvida!
- CORONEL BONFIM Mas onde encontrar essas ancas, poeta das parideiras?

CENA 39

- NARRADOR Em Salvador, senhoras! Sobrinha de um figurão

da política baiana. Turca. Ancas folgadas! Rosto bonito. Mulher cheia das opiniões. Até demais! Boa de dar jeito na carreira política do coronel. O casamento foi uma festa pra ficar nos anais. O nome do coronel Bonfim viajou pelos rincões da Bahia, atravessou Sergipe, até Minas Gerais, chegando de avião, dizem, à Brasília! Quem não foi à festa, queria ter ido.

CENA 40

ADALTO CHUPA-FUMO Um brinde ao nosso futuro deputado federal!

CORONEL BONFIM Um brinde a mim, poeta dos puxa-sacos!

ADALTO CHUPA-FUMO Um brinde à mais nova e linda esposa do futuro deputado federal!

CORONEL BONFIM Onde está a Turquinha?

ADALTO CHUPA-FUMO Com o filho da puta, doutor deputado.

CENA 41

NARRADOR *(Desanimado.)* - Estávamos certos da vitória, senhores. Mas a política passa pelo povo. Infelizmente! Os senhores e as senhoras que estão aí na plateia, eu sei que não são povo, então eu posso falar. Povo é um bicho traidor! Ingrato! O coronel faz tudo por eles e eles viram as costas! E o pior não podia ter acontecido. *(Irritado.)* A turca se recusou a subir no palanque! Traído pela mulher!

CENA 42

DONA QUINHA *(Para Neném.)* - Palanque, meu filho, é coisa séria. Você tem que saber onde pisa.

CENA 43

NARRADOR

O povo de Quebradas do Ó adorava a Turquinha! Olha lá a Turquinha!, exclamavam. Depois virou Quinha. Enfim, Dona Quinha. O menino estava feliz. Afinal, uma nova mãe. Não tão bondosa quanto Dona Marinha, mas inteligência ali sobrava. Política pra ela era coisa séria. Político tem que ser homem de palavra. Servidor do povo! Agente do progresso! Ideias demais pra uma cabeça de mulher.

CENA 44

DONA QUINHA

(Sentada ao lado de Neném, carinhosa.) - Gosto do seu pai, Neném. Mas ele não é um homem do nosso tempo.

NENÉM

Como assim, mainha?

DONA QUINHA

O homem moderno é aquele que defende o interesse coletivo.

CENA 45

NARRADOR

A turca tinha essa coisa de interesse coletivo na cabeça!

CENA 46

NENÉM

O que é interesse coletivo, mainha?

DONA QUINHA

(Sonhadora.) - Tantas coisas, Neném! Tantas...! Mas o primeiro interesse coletivo é a escola.

CENA 47

NARRADOR

Dona Quinha andava enfiando ideias demais na cabeça daquele menino. E um dia aconteceu. Eu avisei! Ela trouxe um monstro pra dentro de casa.

CENA 48

DONA QUINHA

Mas, Bonfim...!

CORONEL BONFIM

Turquinha, isso é muito caro!

DONA QUINHA

Mas o que é caro pra você?

CORONEL BONFIM

Isso que você está me pedindo.

DONA QUINHA

Computador hoje é moda. Todo mundo tem um computador dentro de casa.

CORONEL BONFIM

Aqui em Quebradas ninguém tem!

DONA QUINHA

Mas, visse! Seu filho vai ser o primeiro! É uma distração, e uma fonte de conhecimento.

CENA 49

NARRADOR

Olhem o golpe baixo, senhores!

CENA 50

DONA QUINHA

(Chantageando.) - Quem não tem computador não ganha eleição.

CORONEL BONFIM

(Interessadíssimo.) - Como assim?!

CENA 51

NARRADOR

Computador é um monstro que cai do céu. Ele emite luzes venenosas! O menino chorou de alegria. Beijou a madrasta como se fosse a mãe! Não a mãe verdadeira, porque essa não tem como tirar, seja ela puta, seja ela santa, posto que mãe é mãe! A turca apareceu com deliciosos quibes com limonada pra comemorar a chegada do computador.

CENA 52

CORONEL BONFIM

(Irritado, com nojo.) - Tira essa coisa da minha frente! A senhora, Turquinha, está proibida de fazer quibe nesta casa! Quibe e qualquer outra gororoba turca! Sou nacionalista, respeito a cultura do meu povo! A senhora vai aprender a fazer acarajé pra deixar de ser gringa em terra de Caetano!

CENA 53

NARRADOR

Novas eleições, senhores, esse era o motivo da impaciência. Quatro anos passam rápido, mas a indicação não vinha. Pra garantir apoio, bandeou pro partido do governador. Sagacidade política, senhoras!

CENA 54

DONA QUINHA

O Neném está tão feliz!

CORONEL BONFIM

Quinze anos! Está mais que na hora de ficar macho, isso sim!

DONA QUINHA

(Empolgada.) - Eu não consigo acompanhar aqueles joguinhos. Ele faz com uma facilidade... uma ligeireza...! Ele 'tá... como é que fala...?

Fazendo um joguinho ele mesmo! Visse que esperteza! Seu filho é um gênio, painho!

CORONEL BONFIM Painho?! Você nunca me chamou de painho! (*Ri, feliz.*) Você está grávida, mainha?!

DONA QUINHA Não.

CORONEL BONFIM Turquinha, eu preciso de um filho pra mostrar no palanque!

CENA 55

NARRADOR Eu nunca vi o coronel tão desesperado. Tão inquieto! Começou a tomar atitudes sem consultar as bases.

CENA 56

ADALTO CHUPA-FUMO (*Entrando.*) - Com licença...

CORONEL BONFIM Se for pra me perturbar, não entre!

ADALTO CHUPA-FUMO Fazer isso às vésperas da eleição, doutor coronel...?

CORONEL BONFIM Fazer o quê?

ADALTO CHUPA-FUMO Trocar o nome da cidade.

CORONEL BONFIM (*Disfarçando.*) - Quebradas do Ó? Lá isso é nome pra reduto de um deputado federal? Eu preciso de um lugar de respeito pra ganhar eleição, poeta dos desprestigiados!

ADALTO CHUPA-FUMO Mas... sem consultar as bases?

CORONEL BONFIM A cidade está dentro das minhas terras. Faço o que eu quiser com ela!

- ADALTO CHUPA-FUMO E a memória de seu pai...?
- CORONEL BONFIM Meu pai também era um Bonfim.
- ADALTO CHUPA-FUMO E o respeito ao passado?
- CORONEL BONFIM Que passado?! Temos que olhar é pro futuro. Agora eu estou morando na cidade de Bonfim. Bonfim, esse é o nome da modernidade!

CENA 57

- NARRADOR *(Magoado.)* - Quebradas do Ó era minha grande obra. Roubaram minha poesia, senhoras! Quebradas do Ó, o buraco do inferno, o cu da Bahia! Prometi a mim mesmo. Eu sempre morarei em Quebradas do Ó. Mesmo que o Ó agora seja Bonfim.

CENA 58

- CORONEL BONFIM *(O menino está em frente ao computador, os cabelos mais longos, postura entre absorta e desvairada. Nervoso.)* - Esse menino não come, não dorme, não estuda, não vai ao banheiro! O que ele tanto faz em frente daquela telinha?
- DONA QUINHA *(Sentada, junto a uma baiana, em frente a apetrechos, uma enorme panela, na qual gira uma colher de pau, aprendendo a fazer acarajé.)* - Estuda.
- CORONEL BONFIM Como é que estuda se ele não passou de ano?
- DONA QUINHA Mas ele passou!
- CORONEL BONFIM Passou porque eu fui lá e obriguei ao diretor a passar! *(Agora falando com Adalto Chupa-Fumo, a imagem de Dona Quinha ao fundo.)* Dona Quinha faz tudo o que esse menino quer. Nem o

cabelo o patife corta mais! Se duvidar, nem punheta bate! Quinze anos e nunca viu uma xoxota! O que é que eu faço?

- ADALTO CHUPA-FUMO Bota ele na cama da Dorinha.
- CORONEL BONFIM O quê? Você quer que meu filho me corneie?!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas... Dorinha é uma puta...!
- CORONEL BONFIM Puta é sua mãe, que pariu um poeta sem verso nem rima! Leve esse menino pro bordel e só tire ele de lá depois que ficar macho!

CENA 59

- NARRADOR Ofereci ao menino o que tinha de melhor. Os senhores iam adorar...! Matilde Tesourinha! Penépole! Uma chilena, recém-chegada de Buenos Aires, Carmencita Concha de Oro! Uma delícia...!

CENA 60

- CORONEL BONFIM Um Bonfim não broxa!
- ADALTO CHUPA-FUMO Temos que ter paciência.
- CORONEL BONFIM Toda cidade vai ficar sabendo!
- ADALTO CHUPA-FUMO Ele estava assustado...
- CORONEL BONFIM Com o quê? Com um xibiu?!
- ADALTO CHUPA-FUMO Obrigação pesa.
- CORONEL BONFIM Todo macho tem a obrigação de comer a fêmea!

CENA 61

NARRADOR

É melhor nos ocuparmos da política, essa nobre e difícil arte de enganar o povo... Ou preferem se entreter com um adolescente filho de puta, às voltas com sérios problemas de identidade sexual? Ou será que uma coisa tem a ver com a outra?

CENA 62

(Entremear imagem de Dona Quinha aprendendo a fazer acarajé e o menino obcecado pelo computador.)

ADALTO CHUPA-FUMO

Quem refuga uma, refuga duas vezes, coron... *(Apressa-se)* doutor coronel!

CORONEL BONFIM

(Agitado.) - Hoje você pode me chamar de coronel.

ADALTO CHUPA-FUMO

(Saboreando.) - Sim, meu mui coronel! O que eu estava dizendo..., coronel? Quem refuga a anterior provavelmente vai refugar a próxima.

CORONEL BONFIM

É esse maldito computador, poeta Adalto. Essa máquina está levando meu filho pra vadiagem.

ADALTO CHUPA-FUMO

A culpa é da modernidade. Ela está minando o macho, meu mui coronel! Hoje não se faz mais força pra nada. Tudo vem pronto, no jeito. Então, pra que o homem, meu mui coronel? Inclusive os coronéis, eles também estão com os dias contados. Os computadores vão destruir tudo!

CORONEL BONFIM

Não enquanto eu viver!

ADALTO CHUPA-FUMO

Talvez amanhã eu já esteja morto. Mas ouça o que eu vou dizer. Os computadores vão dar o tiro de misericórdia na única e verdadeira classe política... aliás!, a única classe com objetivos políticos claros que este país já teve!

CORONEL BONFIM

(Compungido.) - Admiro sua coragem, poeta dos

compungidos.

CENA 63

NARRADOR

Eu, eminente poeta do cotidiano político, serei talvez o último defensor de uma era dominada por homens que sabiam o tamanho exato do poder. Passando dos setenta anos, ainda sou capaz de ir à praça pública cuspir versos contra o perigo da modernidade eletrônica. Hoje, senhores, quem detém o poder é a inteligência aliada à esperteza, não mais o macho aliado à pontaria.

CENA 64

CORONEL BONFIM

Mando tirar agora aquela porcaria!

CENA 65

ADALTO CHUPA-FUMO

Morte aos computadores!

CENA 66

DONA QUINHA

(Fazendo acarajé.) - A decisão é injusta, Bonfim.

CORONEL BONFIM

Só depois que comer um xibiu!

CENA 67

NARRADOR

As coisas foram piorando, senhoras...!

CENA 68

DONA QUINHA *(Para de mexer a enorme colher no tacho. Levanta-se.)* - Ele está se acabando.

CORONEL BONFIM Que se acabe.

DONA QUINHA Não come!

CORONEL BONFIM De fome, não morre.

DONA QUINHA Não dorme.

CORONEL BONFIM Também não fode!

DONA QUINHA É assim que você trata seu filho?

CORONEL BONFIM Só veio ao mundo pra me contrariar.

DONA QUINHA *(Nervosa.)* - Podia devolver o computador.

CORONEL BONFIM Não!

DONA QUINHA *(Implora.)* - Por acaso você viu o joguinho que ele montou?

CORONEL BONFIM Nem quero ver.

DONA QUINHA Visse! Um ratinho que atravessa um labirinto à procura da mãe. Ganha quem encontrar a mãe, esse é o jogo. Lindo! Ia ser um sucesso! Ainda mais agora com internéti.

CORONEL BONFIM *(Espantado.)* - Com o quê?!

DONA QUINHA Nunca ouviu falar dessa tal de internéti!

CORONEL BONFIM Adalto Chupa-Fumo! Vem cá! Cadê você?

CENA 69

NARRADOR *(Assustado.)* - Senhoras, computador é uma espaçonave que se aproxima da Terra, com seus canhões apontados para nós! Ouçam meu

conselho. Nunca comprem um pra seus filhos, muito menos pros seus netos!

CENA 70

- DONA QUINHA *(Fritando um acarajé, carinhosa.)* - Internéti, sim, poetinha. O mundo vai ser uma coisa só.
- ADALTO CHUPA-FUMO Temos que impedir o avanço desse monstro, coronel!
- CORONEL BONFIM *(Irritado.)* - Se você me chamar de coronel mais uma vez, eu mando arrancar a sua língua!
- ADALTO CHUPA-FUMO Antes que vosmecê me arranque a língua, eu posso falar?
- CORONEL BONFIM Aproveite.
- ADALTO CHUPA-FUMO Um filho, doutor coronel, um filho legítimo no buxo de Dona Quinha, rápido!
- CORONEL BONFIM A Turquinha não pare nem capado, quanto mais um menino!
- DONA QUINHA Um dia a criança chega, poetinha.
- ADALTO CHUPA-FUMO Um dia chega, doutor coronel!
- CORONEL BONFIM Mas que dia será esse, poeta?
- ADALTO CHUPA-FUMO Quando, Dona Quinha?
- DONA QUINHA Nós não somos donos da vida, poetinha.
- ADALTO CHUPA-FUMO Será um dia especial, doutor coronel!
- CORONEL BONFIM Dia especial será o dia em que eu lhe cortar essa língua inútil!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Nervoso.)* - Esse dia especial tem que ser logo, Dona Quinha. O coronel está impaciente!

- DONA QUINHA Ter paciência é ter sabedoria, poetinha.
- ADALTO CHUPA-FUMO Com certas coisas é preciso ter paciência, doutor coronel!
- CORONEL BONFIM Fora daqui, poeta dos maus agouros!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Agoniado.)* - Está mais que na hora, Dona Quinha!
- CORONEL BONFIM Já passou da hora faz tempo!
- ADALTO CHUPA-FUMO O filho legítimo está a caminho, doutor coronel! Será o herdeiro da sua coragem, da sua honradez e da sua bondade! E, acima de tudo, da sua macheza. O filho legítimo vai vingar! Deus há de cuidar disso!
- CORONEL BONFIM *(Aponta para o menino, que está sentado sobre a mesa, onde antes havia um computador. Acabrunhado, a cabeça deitada entre os braços.)*
- Daquele filho da puta ali Deus já esqueceu, poeta dos aflitos!

CENA 71

- NARRADOR A família e a política. A política e a família. Ou será tudo a mesma coisa?

CENA 72

- CORONEL BONFIM Dorinha vai resolver a broxice do menino.
- ADALTO CHUPA-FUMO Uma santa!
- CORONEL BONFIM *(Incomodado.)* - Uma santa, sim, por quê?!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Lascivo.)* - Quando?
- CORONEL BONFIM Não sei.

ADALTO CHUPA-FUMO Em que cama?
CORONEL BONFIM Pra que tanta pergunta?
ADALTO CHUPA-FUMO O senhor está nervoso, coronel?
CORONEL BONFIM Não me chame de corno! Corno é a mãe puta que te pariu!

CENA 73

NARRADOR *(Feliz.)* - O partido indicou o coronel pra concorrer ao Senado. A Bahia está a seus pés!

CENA 74

CORONEL BONFIM Senador da República, cante isso em versos, poeta!
ADALTO CHUPA-FUMO Mais que justa a escolha, meu doutor senador dos coronéis! Mais que justa!
CORONEL BONFIM *(Falsamente sério.)* - Vejo muito trabalho pela frente.

CENA 75

NARRADOR Sabendo da escolha do partido, o coronel voltou atrás. Negou ao filho a cama de Dorinha.

CENA 76

CORONEL BONFIM Não fica bem para um senador ser corneado pelo filho.
ADALTO CHUPA-FUMO Mas quem é que vai saber?

- CORONEL BONFIM *(Irritado.)* - Você, poeta dos cornos!
- ADALTO CHUPA-FUMO Minha língua será um túmulo.
- CORONEL BONFIM Cadê o facão! Me tragam um facão!
- ADALTO CHUPA-FUMO Antes, por favor, meu doutor coronel, eu tenho uma ideia pra resolver a broxice do menino!

CENA 77

- NARRADOR Jurema Topa-Tudo! Cafetina de bordel, xibiu especializado em descabaçar menino. Foi trazida de Ilhéus a peso de ouro.

CENA 78

- CORONEL BONFFIM *(Consulta o relógio. Neném tentando desesperadamente fornicar com Jurema Topa-Tudo .)* - E daí?
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Aflito.)* - Não tem xoxota melhor, coronel. Ou essa, ou nada!

CENA 79

- NARRADOR *(Pausa compungida, em que o narrador observa a cena da fornicção frustrada.)* - Eu estou pensando cá comigo, e vejam, senhoras, se eu não tenho razão. Estaria o menino, ao querer fornicar com uma prostituta, violando o sagrado altar da maternidade? Existe aí alguma psicóloga na plateia que possa nos ajudar a explicar essa curiosa dialética sexual? Senhoras, eu só vejo uma solução. O menino fornicar com mulher direita.

CENA 80

- CORONEL BONFIM Mulher direita, poeta das improvisações! O que é isso?
- ADALTO CHUPA-FUMO Que nunca tenha sido usada.
- CORONEL BONFIM Mas quem?
- ADALTO CHUPA-FUMO Nas roças de cacau, (*Enfatiza.*) senador! Novinha, xoxota verde!
- CORONEL BONFIM (*Entusiasmado.*) - Eu pago!
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Assustado.*) - Não! Tem que ser de graça! Por chamego! Por dinheiro, é puta, esqueceu?
- CORONEL BONFIM (*Olha para a plateia, à procura.*) - Mas quem, assim de graça, vai ter chamego por esse maldito verme?
- ADALTO CHUPA-FUMO Tem muita santa por aí querendo ser sacrificada, senador.
- CORONEL BONFIM Pois então vamos escolher uma. A dedo! E, se não for a dedo, vai ser a facão! Porque fama de broxa filho meu não vai ter, não!

CENA 81

- NARRADOR (*Descrente.*) - Mulher virgem em roça de cacau... não sei, não. (*Observando a plateia.*) Olho, olho, não vejo nenhuma...!

CENA 82

- CORONEL BONFIM Tem que existir!
- ADALTO CHUPA-FUMO Tenho medo.

- CORONEL BONFIM De quê?
- ADALTO CHUPA-FUMO E se ele broxar em cima de mulher virgem? Quem não dá conta de xibiu usado vai dar conta de xibiu cabaço?

CENA 83

- ADALTO CHUPA-FUMO (*No bordel.*) - O que você acha disso, Matilde Tesourinha?
- MATILDE TESOURINHA Traz ele aqui! Eu passo a tesoura, corto o cabaço!

CENA 84

- NARRADOR Senhores! (*Silêncio.*) Eu estava me deliciando nos braços de Matilde Tesourinha, na Casa dos Prazeres, quando vi um livro sobre a pequena mesa. Dona Flor e Seus Dois Maridos! Esquecimento de freguês. Matilde Tesourinha, cuja xoxota, esgotada pelo tempo, já não me acolhia com tanto desespero, me permitiu levar o achado. (*Solene.*) Meus senhores, se a vida é feita de preciosas coincidências, aqui estamos diante de uma delas. Esse livro, acreditem, vai mudar a história sexual do menino. E mais! Irá mudar a história política deste país!

CENA 85

- CORONEL BONFIM Que história é essa de querer encher a cabeça do menino de livros?
- ADALTO CHUPA-FUMO É só um, doutor coronel. Especial.
- CORONEL BONFIM Livro é tudo a mesma merda!
- ADALTO CHUPA-FUMO Esse não.

- CORONEL BONFIM *(Ameaçador.)* - Tudo veneno pra cabeça!
- ADALTO CHUPA-FUMO Livro pode ser venenoso pra cabeça, Dona Quinha!
- DONA QUINHA O pior veneno é a ignorância, poetinha.
- CORONEL BONFIM A política precisa é de votos, poeta das trevas!
- DONA QUINHA A ignorância é a serventia dos políticos.
- CORONEL BONFIM Por que você acha que povo é feliz? Porque ele não sabe de nada.
- ADALTO CHUPA-FUMO Povo é feliz porque não sabe de nada, Dona Quinha!
- DONA QUINHA E quem é que disse que povo é feliz?
- CORONEL BONFIM Eu sustento sua poesia porque ela mostra um povo feliz, poeta dos desventurados! Vai! Vai lá na cozinha e coma à vontade.
- ADALTO CHUPA-FUMO A literatura tem que servir aos coronéis, Dona Quinha.
- DONA QUINHA Livro só tem uma serventia. Abrir a cabeça das pessoas.
- ADALTO CHUPA-FUMO O menino precisa abrir a cabeça, coronel!
- CORONEL BONFIM *(Nervoso.)* - O maldito precisa é envergar o facho! E pra isso não precisa de livros!
- ADALTO CHUPA-FUMO Pra envergar o facho não precisa de livros, Dona Quinha!
- DONA QUINHA *(Assusta-se.)* - O que o senhor está falando, poetinha?!
- ADALTO CHUPA-FUMO Às vezes precisa de livro, sim, doutor coronel! E eu tenho o livro que ele precisa. *(Mostra o livro.)* Dona Flor e Seus Dois Maridos!

- CORONEL BONFIM A safada tem dois maridos, Adaltinho?
- ADALTO CHUPA-FUMO Dois, doutor senador!
- CORONEL BONFIM E qual dos dois é o corno?
- ADALTO CHUPA-FUMO Os dois, doutor coronel!
- CORONEL BONFIM Um corneia o outro?
- DONA QUINHA Jorge Amado escreveu a triste biografia de todos os coronéis da Bahia.
- CORONEL BONFIM O que a Turquinha está falando, poeta?
- ADALTO CHUPA-FUMO Que Jorge Amado escreveu a fabulosa biografia dos coronéis da Bahia.
- CORONEL BONFIM *(Ansioso.)* - E a minha? Ele escreveu a minha?
- ADALTO CHUPA-FUMO A sua o senhor mesmo está escrevendo, doutor coronel! Com muito brilho!
- CORONEL BONFIM *(Aponta o menino.)* - Eu quero que Jorge Amado tire aquele broxa da minha biografia!

CENA 86

- NARRADOR *(Enquanto o narrador fala, vê-se a biblioteca, com suas estantes desajeitadas, um ambiente minúsculo, uma mesa também minúscula, onde o menino devora o livro Dona Flor e Seus Dois Maridos, virando as páginas em leitura atenta e encantatória. Está sexualmente agitado.)* - Senhores, foi pelas mãos deste poeta que vos fala, amante da rima rica e da estrofe lapidada, que Jorge Amado entrou na casa do coronel Bonfim. *(Surge, nesse momento, sobre o palco, o primeiro livro, Dona Flor e Seus Dois Maridos.)* Graças a mim, considerado por justeza e competência o poeta-mor, o vate oficial da próspera cidade da outrora Quebradas do Ó, atual Bonfim, cujos

versos eram obrigatoriamente alardeados pelas calçadas, férteis decassílabos camonianos cantando os fazidos e por-fazeres do nosso amado coronel Jorge Bonfim, pois!, a meu rogo e conselho, o generoso e honestíssimo coronel introduziu a gloriosa obra de Jorge Amado na cidade da outrora Quebradas do Ó, atual Bonfim, acreditem!, a única cidade baiana onde nosso escritor ainda não tinha colocado seus livros.

CENA 87

DONA QUINHA *(Abraça Neném)* - Gostando?

NENÉM Dona Flor é mulher honesta, mainha?

DONA QUINHA Honestíssima, Neném!

NENÉM *(Censura.)* - Com dois maridos na cama, mainha?

DONA QUINHA Qual o problema? Pra ser uma mulher completa, ela precisou ter dois.

NENÉM Não é safadeza?

DONA QUINHA *(Censura.)* - Safadeza dentro do casamento não é safadeza, Neném!

NENÉM Mas ela trai o farmacêutico!

DONA QUINHA O farmacêutico é que está traindo ela.

NENÉM Como, mainha, não estou entendendo...

DONA QUINHA Negar a alguém o direito a certos prazeres também é uma forma de traição.

CORONEL BONFIM *(Aflito.)* - Dona Quinha fala demais, poeta dos traídos!

DONA QUINHA *(Muda intencionalmente a direção da conversa.)* - Vadinho, sim, esse é safado.

NENÉM	Eu queria ser como ele.
DONA QUINHA	Nunca!
NENÉM	Por quê?
DONA QUINHA	Um safado?
NENÉM	Só por que ele gosta de mulheres?
DONA QUINHA	<i>(Sonhadora.)</i> - É um homem irresistível, sem dúvida.
NENÉM	Eu também gosto de mulheres, mainha! Eu juro!
DONA QUINHA	<i>(Volta a reagir.)</i> - Vadinho nunca leu um livro na vida! Nunca frequentou uma escola! Nunca trabalhou! E ainda escolheu um domingo de carnaval pra morrer!
CORONEL BONFIM	<i>(Agoniado.)</i> - Dona Quinha precisa calar a boca, poetinha!
DONA QUINHA	Jorge Amado foi o primeiro escritor a nos mostrar o quanto os coronéis atrasam o progresso do nosso país.
CORONEL BONFIM	<i>(Irritado.)</i> - Jorge Amado disse isso dos coronéis?!

CENA 88

NARRADOR	<i>(Irritado.)</i> - Quem foi que desbravou este Brasil? Enfrentou matas a facão, chuvas a céu aberto, cobras em brejo, febre amarela nos olhos, tiro pelas costas? Isso não é levar o progresso adiante, senhores e senhoras?
----------	--

(Ver-se-á a partir de agora uma sequência de mudanças de cenário. Enquanto o menino, ora

absorto, ora excitado, completamente feliz e envolvido, vai lendo a obra de Jorge Amado, a cada livro que pega, o respectivo título aparece no palco, numa sequência de estante.)

CENA 89

- ADALTO CHUPA-FUMO *(Irritado.)* - Os coronéis mudaram a cara, o rosto e a face deste país, Dona Quinha!
- DONA QUINHA Deixa o Neném ler Jorge Amado em paz. Ele mesmo vai ver o que está certo e o que está errado.
- ADALTO CHUPA-FUMO Os coronéis são eleitos pelo voto. Contestar os coronéis é contestar o voto. E contestar o voto é contestar o povo. A senhora está perturbando a ordem democrática do nosso país!
- DONA QUINHA E o senhor está perturbando esta linda noite de luar!

CENA 90

- NARRADOR *(Afasta-se.)* - Eu sou um poeta, ninguém precisa me dizer que sobre mim pesa uma linda noite de luar! Eu mesmo posso ver e sentir. Os coronéis são a única classe política séria neste país. Jorge Amado ama os coronéis, senhoras! Respaldados pelos prazeres das putas, eles alavancaram o progresso secular desta nação! *(Vira-se, quase caindo.)* Sabe o que o menino veio me perguntar? É possível, poetinha, uma mulher ser honesta e safada ao mesmo tempo?

CENA 91

- DONA QUINHA Não!

ADALTO CHUPA-FUMO Sim!

DONA QUINHA Se é honesta, não é safada.

NENÉM Mãe pode ser puta?

DONA QUINHA Não, nunca!

NENÉM E esposa pode ser puta?

ADALTO CHUPA-FUMO Depende.

DONA QUINHA Se é puta, deixa de ser esposa, poetinha!

NENÉM E, se é puta, deixa de ser mãe?

CENA 92

NARRADOR *(Enquanto o narrador fala, Neném vai pegando um a um os livros sobre sua mesa, ao mesmo tempo que, em ordem de estante, o livro correspondente vai aparecendo no palco.) - Senhoras e senhores, este menino ainda não conheceu mulher. E muito menos sabe o que é ter mãe. Por que confundir a cabeça dele? Os senhores que têm mulher e mãe, é dos senhores que eu quero saber. O senhor aí! O senhor mesmo! É possível a mulher ser honesta e safada ao mesmo tempo? (Pausa.) Pode responder. Ou quer antes consultar a sua esposa? (Neném pega outro livro e cai Gabriela Cravo e Canela.)*

CENA 93

NENÉM Gabriela é honesta e safada ao mesmo tempo, não é, mainha?

DONA QUINHA Gabriela gosta de homem, Neném.

NENÉM Mulher que gosta de homem é honesta ou safada?

CENA 94

NARRADOR *(Solene e vibrante.)* - Quem das senhoras gostaria de responder a essa pergunta? *(Observa. Aponta.)* A senhora...! Não quer falar. A senhora também não. Tudo bem. Respondam pra seus maridos, então. Ou pros seus amantes! Ou pra si mesmas, enquanto se regalam em banho quente. O que eu gostaria de ser, mulher honesta ou mulher safada? Por favor, não olhem pra baixo, entre as coxas, porque isso é safadeza! Mas, se porventura olharem, já terão dado pra si a resposta.

CENA 95

NENÉM *(Agoniado.)* - Então, mainha, responde! Esposa pode ser safada?

ADALTO CHUPA-FUMO Boa pergunta, menino!

DONA QUINHA *(Censurando.)* - Neném!

NENÉM Por que todos os coronéis se parecem?

DONA QUINHA *(Vingando-se, exulta-se.)* - Boa pergunta, Neném!

ADALTO CHUPA-FUMO Honestidade tem uma cara só.

NENÉM Toda mãe é mulher honesta, mainha?

DONA QUINHA *(Zangada.)* - Pare com essas perguntas, Neném?!

NENÉM Mesmo sendo puta?

CENA 96

NARRADOR As senhoras todas aqui já leram Dona Flor e Seus Dois Maridos? *(Pausa.)* Eu tenho cá minhas

NARRADOR Dona Quinha é ou não é, senhoras? Safada!

CENA 99

NENÉM (*Choroso.*) - Vadinho também nasceu de mulher dama, poetinha! Ele nunca conheceu a mãe!

CENA 100

NARRADOR Bingo! Cheguei aonde eu queria, senhoras e senhores! Minha história precisava de um elo pra fazer sentido. E aqui está. Os dois são filhos da puta.

CENA 101

NENÉM Por isso, eu gosto tanto do Vadinho...!

DONA QUINHA Você não é como o Vadinho, Neném!

NENÉM (*Revolta-se.*) - Mas eu queria ser!

DONA QUNHA Por quê, Neném?

NENÉM Porque ele é um filho da puta e não está nem aí!

CENA 102

NARRADOR Dona Flor tinha dois maridos. Um safado, outro honesto. Essa é a base filosófica da nossa política. Essa é a nossa miscigenação moral!

CENA 103

DONA QUINHA Filosofia não se faz na cama, poetinha!

CENA 104

NARRADOR Pode existir político honesto e safado ao mesmo tempo? Os senhores ouviram...! (*Irritado.*)
Honesto, mas safado!

CENA 105

DONA QUINHA Neném, o coronelismo é o lado safado da política.

NENÉM Por que, Mainha?

DONA QUINHA Porque eles defendem os interesses particulares.
(*Neném pega o livro Tocaia Grande, em seguida, Seara Vermelha.*)

CORONEL BONFIM (*Impaciente.*) - Por que Dona Quinha não emprenha, poeta? Será que é por que ela fala demais?

CENA 106

NARRADOR Fugam das mulheres sérias, senhores! Elas não conseguem levá-los pra cama por mais do que seis meses. O país precisa de mulheres que sustentem seus maridos por anos a fio. Não é uma cama honesta que fará um coronel honesto. O que faz um político honesto é o progresso que ele traz!

CENA 107

DONA QUINHA Todo político tem que provar que é honesto, poetinha!

- ADALTO CHUPA-FUMO Os coronéis são a única classe de políticos honestos neste país, Dona Quinha!
- NENÉM Por que são honestos?
- ADALTO CHUPA-FUMO Porque são os únicos que têm competência pra serem safados.
- DONA QUINHA *(Grita.)* - Neném, o poetinha vendeu a alma ao diabo!

CENA 108

- NARRADOR *(Irrita-se.)* - Passei dos meus setenta anos e sei do que eu estou falando. O grande erro é separar a honestidade da safadeza. Erro que os coronéis nunca cometeram! *(Está suando, inquieto.)* O que move o progresso é a safadeza! A ganância! A vaidade! A ambição pelo poder! Há político que ame mais o poder do que um coronel? Pois acabem com os coronéis, e este país girará feito uma bússola sem rumo! O país que desconhece a fonte do seu poder é um país sem destino. Por isso, eu alerto os senhores e as senhoras, que vão às urnas em breve. Votar nos coronéis é dar um rumo certo a esse país. E, se preciso for pra convencê-los do que eu digo, eu vendo, sim, a minha alma ao diabo! *(Neném pega o livro A Descoberta da América pelos Turcos, em seguida, Navegação de Cabotagem.)*

CENA 109

- CORONEL BONFIM De que adiantou esses malditos livros, poeta das letras mortas?!
- ADALTO CHUPA-FUMO O que faz mal ao menino não é a literatura, doutor coronel.

CORONEL BONFIM Nem punheta ele bate!

ADALTO CHUPA-FUMO Dona Quinha é que faz mal a ele.

CORONEL BONFIM O inimigo está à vista!

ADALTO CHUPA-FUMO Temos que conter a língua da Dona Quinha.

CORONEL BONFIM Não é da Turquinha que eu estou falando, idiota!

ADALTO CHUPA-FUMO De quem, então, doutor coronel? Dos livros?

CORONEL BONFIM Mil vezes idiota! Os livros sempre foram nossos inimigos! Estou falando de outra coisa. Muito pior!

CENA 110

NARRADOR Nestes últimos anos, algo surgiu no cenário da política nacional que veio deslocar o eixo manipulativo do poder. Era disso que meu sábio coronel estava falando. Das famigeradas e honestas, honestíssimas urnas eletrônicas! O monstro mais uma vez rondando o poder central. (*Apoteótico.*) E não digam que eu não avisei.

CENA 111

CORONEL BONFIM Corrupção à vista, poeta. Agora os donos dos computadores vão eleger quem eles quiserem!

ADALTO CHUPA-FUMO Eu sabia que um dia isso ia acontecer.

CORONEL BONFIM Vão surrupiar os meus votos, poeta dos corruptos! O que é que eu faço?

ADALTO CHUPA-FUMO Eu precisava morrer pra não ter que ver isso.

CORONEL BONFIM Querem globalizar a política pra fins de dominação.

- ADALTO CHUPA-FUMO Adeus, coronéis!
- CORONEL BONFIM A grande máquina instalada na mesa do poder central. Ela é que vai comandar tudo. Agora de que adiantam nossas ideias, nossas lutas, nossos projetos de um Brasil melhor?
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Choroso.*) - Adeus, coronéis! Adeus, honestidade! Adeus, progresso!
- CORONEL BONFIM (*Irrita-se.*) - Temos é que fazer alguma coisa. E não ficarmos aqui lamentando. Eu vou declarar guerra a esse monstro!
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Feliz.*) - Guerra! Emboscada! Pontaria! Lógico! Voltar aos velhos tempos! À época do coronel Benvindo, seu pai!?
- CORONEL BONFIM Cale essa boca, poetinha das retaguardas! Não é nada disso. Vou devolver o computador e a interneti pro Neném!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas ele não...
- CORONEL BONFIM Esquece a broxice! O que interessa agora é salvar a pátria dos morcegos eletrônicos! Nós vamos roubar os votos deles! O Neném vai nos ajudar. Será a guerra eletrônica dos votos. Nós vamos entrar nos computadores da Justiça Eleitoral e vamos roubar tudo o que tem lá dentro. Tudo não! Cinquenta e um por cento.
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Faz o gesto de roubar. Baixando a voz.*) - Fantástico!
- CORONEL BONFIM Não vamos mais precisar controlar a ignorância do povo.
- DONA QUINHA (*Entra, feliz, trazendo acarajés.*) - Aqui estão os acarajés!
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Adiantando-se.*) - Dona Quinha, hoje é um dia histórico!

DONA QUINHA Por que, poetinha?

CORONEL BONFIM (*Mordisca o acarajé.*) - Sabe qual será o próximo passo, Turquinha?

CENA 112

NARRADOR Eu sabia, senhores e senhoras, em que o coronel estava pensando. No governo da Bahia!

CENA 113

CORONEL BONFIM Turquinha, você agora vai aprender a fazer pão de queijo!

ADALTO CHUPA-FUMO (*Surpreso.*) - Pão de queijo?!

CORONEL BONFIM Pão de queijo, pizza, macarrão, churrasco, espetinho de gato. Meu reduto eleitoral agora é o Brasil, poeta!

ADALTO CHUPA-FUMO Presidente?!

CORONEL BONFIM (*Sonhador.*) - Quem sabe um dia... Essa noite eu tive um sonho de sonhador, poeta dos presidencialáveis!

ADALTO CHUPA-FUMO Pra sua grandeza, deputado Federal é título de honra, meu coronel!

CENA 114

NARRADOR O coronel foi pessoalmente a Salvador. Em segredo! Trouxe de lá tudo quanto pudesse ensinar o menino a invadir os computadores O manual dos... dos...

CENA 115

CORONEL BONFIM Se você pronunciar esse nome, eu capto sua língua, poeta das vivandeiras!

CENA 116

NARRADOR Era preciso vencer o monstro! Nessa guerra valia a sobrevivência da democracia. Quem elege é o povo!

CENA 117

CORONEL BONFIM Bom mesmo, poeta, era a gente não precisar do povo.

CENA 118

NARRADOR Um gênio, o menino, senhores e senhoras, um gênio!

CENA 119

CORONEL BONFIM Roubaram dinheiro da minha conta! (*Mostrando extrato bancário.*) Está aqui! Quem foi o filho da puta?

ADALTO CHUPA-FUMO Ele, doutor coronel.

CORONEL BONFIM O filho da puta?

ADALTO CHUPA-FUMO O próprio!

DONA QUINHA (*Entrando. Numa das mãos uma pá com massa de acarajé, na outra um grosso maço de dinheiro.*) - Está aqui o seu dinheiro, Bonfim.

- CORONEL BONFIM *(Eufórico.)* - Incrível! Fantástico! Vamos dominar o Brasil!
- ADALTO CHUPA-FUMO Ele pode até parar o metrô de Paris!
- CORONEL BONFIM Turquinha! Quibe, torta de maçã, crepe, yaksoba! O mundo a nossos pés!
- ADALTO CHUPA-FUMO Vamos detonar um míssil!
- CORONEL BONFIM Pegar o dinheiro da oposição.
- ADALTO CHUPA-FUMO Impossível.
- CORONEL BONFIM Por que impossível?
- ADALTO CHUPA-FUMO Não é só a gente que trabalha com caixa dois, doutor coronel!
- CORONEL BONFIM Droga! O mundo é cheio dos espertos, assim não dá!

CENA 120

- NARRADOR Agora me ouçam! Não digam que eu estou mentindo, que um homem que passou dos setenta, que sempre comeu de favor nos pratos alheios, versejando em paga rimas ricas, não tem razão nem tempo pra mentir. *(Aproxima-se do menino, obcecado em frente ao computador.)* Sabe o que ele conseguiu? Entrar nos livros de Jorge Amado! Isso mesmo! Ele transformou ficção em realidade! Impossível? Provo-lhes. Tudo o que vai acontecer daqui pra frente será obra desse inacreditável feito. O menino descobriu a senha! Abre-te, Sésamo! Os senhores e as senhoras sabem que computadores vivem de senha, não sabem? Amado, Jorge! Eis a senha! Com um segredo! Que eu não vou lhes contar. Nunca! *(Acalma-se.)* A senha abriu para o menino as portas daquelas lombadas. Uma a uma! É como se a obra

completa de Jorge Amado se transformasse numa imensa Arca de Noé! Mas em vez de ovelhas e macacos, cobras e lagartos, sairão de lá coronéis, putas, cacau, traições, desejos e politicagens! E a eterna luta entre o atraso e a modernidade. Dessa Arca de Noé sairá a espécie humana mais simpática e mais controvertida criada pelo nosso grande escritor!

CENA 121

VADINHO

(Saindo da lombada de Dona Flor e Seus Dois Maridos. Enquanto Neném manipula o mouse e dialoga com Vadinho, este se movimenta, saindo de uma lombada, entrando em outra, sendo que em algumas delas apenas abre a portinhola e espia, sempre numa coreografia engraçada e cheia de malandra autoconfiança. Podem-se construir pequenas cenas, em que Vadinho é de uma forma ou de outra interpelado ou perseguido por personagens de Jorge Amado. Zezinha do Butiá, de Tocaia Grande, insinuando o término de rápida fornicção, segura Vadinho à saída da lombada, não querendo que ele se vá. Nacib, ciumento, enxota-o aos empurrões da lombada de Gabriela Cravo e Canela. A severa Perpétua aparece agarrando-o pelo pescoço, em Tieta do Agreste. Vadinho repele-a. O ritmo das próximas cenas terá que estar em sintonia com a coreografia de Vadinho. Saindo, enfim, da lombada de Os Capitães da Areia.) - Esses capitães não gostam de jogar, Neném. Nem porrinha! Nem a porra do pife-pafe! Não sabem que estamos neste mundo é pra nos divertir? Tudo uns chatos. Só pensam em roubar! Este país é muito chato. Não se pode fazer nada. Nem apostar em rinha. Por que eu não posso apostar num galo, Neném? No meio da rua? No jogo do bicho? No meio da rua? Por que essa mania de esconder as safadezas?

- NENÉM Ser moderno é ser contra as safadezas, senhor Vadinho!
- VADINHO Não me chame de senhor, que eu não uso gravata nem cueca! E moderno o cacete! Moderno é a gente fazer o que quer. Por que é que a gente tem que ser tudo igual? Eu não gosto de trabalhar. Não trabalho. Eu gosto da roleta. Aposto! Eu gosto de xibiu. Fornico! Pra que essa mania de achar que viemos ao mundo pra trabalhar? Isso me dá desespero. Nós precisamos é de carnaval, de futebol, de diversão! Quem é que sabe se divertir? Ninguém! (*Apontando para o público.*) Todos uns chatos! (*Aponta para Neném.*) Você também é um chato.
- NENÉM As pessoas não são iguais a você.
- VADINHO Deviam ser. (*Espia em uma das lombadas.*)
- NENÉM Como se fosse possível.
- VADINHO Eu não sou igual a mim? Se eu sou igual a mim, todos aqui podem ser.
- NENÉM As pessoas gostam de trabalhar, de ter seu próprio dinheiro. Gostam de respeitar a mulher do próximo também.
- VADINHO Não venha me ensinar a viver!
- NENÉM Você se acha o cara que todo mundo gostaria de ser.
- VADINHO (*Assediado por Zezinha do Butiá.*) - E que toda mulher gostaria de ter!
- DONA QUINHA (*Sentada, mexendo a massa do vatapá.*) - Vadinho não é exemplo pra nada, Neném.
- NENÉM Você não é exemplo pra nada, Vadinho!
- VADINHO (*Afrontando a plateia.*) - Senhores e senhoras, percorri todos esses livros (*Aponta as lombadas.*)

e não encontrei um sujeito igual a mim. E muito menos uma mulher que me dissesse não!

NENÉM *(Interrompe-o, irritado.)* - Você vai ou não vai me ajudar?!

VADINHO *(Entrando em Gabriela Cravo e Canela.)* - Irritado por quê?

NENÉM *(Tentando, aflito, controlar Vadinho pelo mouse, que desaparece.)* - Aonde você pensa que vai? Volte aqui, desgraçado!

VADINHO *(Enxotado por Nacib, volta.)* - Não precisa me empurrar! Sujeito mal-humorado... Como é mesmo o nome desse corno?

NENÉM Nacib!

VADINHO Só podia ser turco. Por que não posso trocar uma palavrinha com a cozinheira?

NENÉM A mulher é dele!

VADINHO Eu quero que seja minha também.

NENÉM Por que você não vai mexer com a Glorinha, a manteúda do coronel Amâncio Leal? *(Glorinha aparece, deitando os seios sobre o peitoril da janela.)* Vai lá cornear o coronel!

VADINHO *(Aproxima-se de Glorinha, mostra intimidade.)* - Esse par de esculturas, gracinha, está precisando de um novo cinzel...

NENÉM Você, andando por esses livros, vai sentir o cheiro da pólvora mais cedo do que pensa.

CENA 122

NARRADOR *(Assustado.)* - Mexer com xodó de coronel não é pra qualquer um não, senhores!

CENA 123

- VADINHO Eu ainda vou levar essa Gabriela pro Bataclan. Escreve aí. Depois pro Palace! (*Aparece o Cassino Palace, pessoas em volta da roleta. Vadinho bolinando a bunda de uma das senhoras.*) Joga no dezessete, idiota...
- NENÉM Você podia calar essa boca e fazer o que eu pedi?!
- VADINHO Eu nunca ajudei um cara broxa na minha vida.
- NENÉM (*Irritado, com o mouse, joga Vadinho contra as lombadas, numa coreografia de marionete.*) - Não me chame de broxa!
- VADINHO Pare! Está bem!
- NENÉM (*Empurra Vadinho pra junto da lombada de Gabriela Cravo e Canela. Chama.*) - Coronel Amâncio Leal! Venha cá ver quem botou chifre em vosmecê.

CENA 124

- NARRADOR (*Apreensivo. E um tanto assustado.*) - Não faça isso, Neném! Não mexa com fogo!

CENA 125

- VADINHO (*Segurando-se na lombada.*) - Pelo amor de Deus!
- NENÉM Então, não me enrola. E não me chame de broxa!
- VADINHO Você vai comer uma mulher. Se Deus quiser!

CENA 126

NARRADOR Honesta! Tem que ser uma mulher honesta. Infelizmente.

CENA 127

VADINHO Mas onde encontrar uma mulher honesta por aqui?

NENÉM Eu sei que tem!

VADINHO Não conheço.

CENA 128

NARRADOR *(Observando os livros.)* - Não é possível que Jorge Amado não tenha criado pelo menos uma mulher honesta!

CENA 129

VADINHO Mulher honesta, que dê pra encarar? Nenhuma!

CENA 130

NARRADOR *(Raivoso.)* - Testou todas, safado, filho de puta. O que é que sobrou pro Neném?

CENA 131

VADINHO As mulheres de Jorge Amado sabem o que querem.

NENÉM E o que é que elas querem?

- VADINHO Aquilo que funciona, babaca! Ai! Calma! Assim você me machuca!
- NENÉM *(Irrita-se.)* - Filho da puta!
- VADINHO *(Segurando-se.)* - Olha quem fala!
- NENÉM *(Começa a chorar.)* - Eu não sou filho da puta!
- DONA QUINHA *(Apreensiva.)* - O que foi, Neném...?
- NENÉM Eu não queria ser um filho da puta, mainha.
- DONA QUINHA Pare um pouco de ler Jorge Amado! Está te fazendo mal.
- VADINHO A minha mãe era puta nem por isso eu choro.
- DONA QUINHA Esse Vadinho está lhe fazendo mal, Neném! Você precisa dormir.
- NENÉM Santinha! Lembra da Santinha?! Em Gabriela Cravo e Canela?!
- VADINHO Deu pro dentista, levou bala do seu coronel.
- NENÉM Antes de dar pro dentista, ela era uma mulher honesta.
- VADINHO Traiu, deixou de ser honesta. Arranje outra!
- NENÉM Mas antes de trair!
- VADINHO Mulher honesta não trai marido, porra!
- NENÉM *(Desespera-se.)* - Então o que é que eu faço?
- VADINHO Por que é que você não pega qualquer uma? Seria tão mais fácil! Tudo é mulher, tudo tem xoxota! Zezinha do Butiá! Aqui, ó! Tocaia Grande. Não tem petisco melhor! Boceta de veludo!

CENA 132

NARRADOR Como fornicar com uma mulher e ela continuar honesta, Neném? Aonde é que você quer chegar com isso?

CENA 133

CORONEL BONFIM (*Ansioso.*) - O filho da puta conseguiu?

ADALTO CHUPA-FUMO Ainda não...!

CORONEL BONFIM Se ele conseguiu invadir o computador eleitoral, idiota, é isso que eu quero saber.

CENA 134

NENÉM Tereza Batista Cansada de Guerra!

VADINHO Deu pra meio mundo.

NENÉM Antes de a tia vender ela pra uso do capitão Justiniano?

VADINHO Já não tinha mais nada.

NENÉM Como?

VADINHO Perdeu o cabaço aos doze. Foi vendida aos treze.

NENÉM Mas não foi o capitão...

VADINHO Conversa!

NENÉM (*Procurando no livro.*) - Jorge Amado disse que foi o capitão...

VADINHO Jorge Amado não sabe de nada!

NENÉM Como não sabe?!

VADINHO Quando Jorge Amado conheceu Tereza Batista, aos treze, ela já não era cabaço!

CENA 135

NARRADOR *(Desanimado.)* - Senhoras, onde encontrar uma mulher honesta...?

CENA 136

NENÉM Dona Flor!

VADINHO Opa! Essa não é pro seu bico!

NENÉM Ela atende a dois homens.

VADINHO Dois maridos, cretino! Eu e o farmacêutico, os dois com papel passado. *(Repete.)* Ouviu? Papel passado!

CENA 137

NARRADOR Tem que ter um corno nessa história!

CENA 138

VADINHO Ninguém é corno nessa história!

CENA 139

NARRADOR Se ninguém é corno, então, Dona Flor é honesta.

CENA 140

NENÉM Dona Flor é mulher honesta, Vadinho?
 VADINHO Epa! Que é que você quer dizer com isso, Neném?

CENA 141

NARRADOR *(Exultante.)* - Então é ela a escolhida! *(Procura o menino.)* Neném!

CENA 142

NENÉM *(Começa a chorar.)* - Mainha...
 VADINHO *(Apontando o narrador.)* - Neném, quem é esse filho da puta?
 CORONEL BONFIM *(Grita, nervoso.)* - Poeta dos cornos!

CENA 143

NARRADOR *(Intencional.)* - A candidatura não está decolando, senhores! Teremos problemas mais uma vez!

CENA 144

CORONEL BONFIM Onde está você, poeta do mau agouro?!
 ADALTO CHUPA-FUMO *(Entrando.)* - Sim, doutor coronel!
 CORONEL BONFIM E o bastardo? Nada?!
 ADALTO CHUPA-FUMO Falei com ele agorinha.
 CORONEL BONFIM E aí?
 ADALTO CHUPA-FUMO Ele está esperando.

CORONEL BONFIM Esperando o quê?

NENÉM Porra, como vou roubar voto se não há voto?

ADALTO CHUPA-FUMO Precisamos dos votos, coronel!

CORONEL BONFIM Manda ele roubar cinquenta por cento mais um!

NENÉM *(Impaciente.)* - Poeta, voto só existe em dia de eleição.

ADALTO CHUPA-FUMO Tem que deixar os votos caírem no computador, doutor coronel. No dia da eleição!

CORONEL BONFIM *(Irritado.)* - Só isso que ele tem pra me dizer?

ADALTO CHUPA-FUMO Seu pai quer saber mais detalhes, Neném.

CORONEL BONFIM Como é que nós vamos fazer pra roubar os votos? Como é que se entra naquele troço?! Eu quero ser senador da República, poeta dos ingratos! Eu não decolo nas pesquisas. O partido está me pressionando!

CENA 145

VADINHO *(Entrando pela lombada de Tocaia Grande, trazendo uma menina, assustada.)* - Essa aqui vai resolver seu problema.

NENÉM *(Desconfiado.)* - Quem é?

VADINHO Bonitinha. Só é doida.

NENÉM Onde você arranjou isso? *(Olhando para a lombada de onde Vadinho acabara de sair.)* - Ção! A menina doida de Tocaia Grande?

VADINHO É virgem.

NENÉM Virgem o cacete! Os meninos já traçaram essa doidinha.

- VADINHO Quem é que disse?
- NENÉM *(Manuseando o livro Tocaia Grande.)* - Aqui, ó!...
- VADINHO Jorge Amado não sabe de nada.
- NENÉM A doida é do Jorge Amado! Ele é quem sabe se ela é virgem ou não!
- VADINHO Eu garanto que é.
- NENÉM Jorge Amado garante que não.
- VADINHO Você quer ou não quer empinar esse pau frouxo? Vem cá, gracinha. Deita aí. *(Empurra Ção, que se deita na cama de ferro, tira a calcinha rápido, sem pudor, e abre as pernas.)* Ela é doida! E doida não é honesta nem desonesta. É uma doida com xoxota, só isso!
- NENÉM Como é que é...?!
- VADINHO Xoxota doida não sabe o que faz.
- NENÉM *(Ressabiado, começa a contornar Ção, que o chama. Ele fica nervoso.)* - Ela está me chamando...!
- VADINHO Vai, diabo! Esquece Jorge Amado, manda o pau!

CENA 146

- NARRADOR *(Enquanto o menino tenta fornicar com Ção, sem sucesso.)* - Vai! Vai, que você consegue, menino! *(Aflitíssimo.)* Senhoras... A relação do menino com Vadinho começou a azedar quando ele *(Aponta o menino.)* começou a transformar todos os bordéis dos livros de Jorge Amado em escola! O Cassino Palace virou um instituto de pesquisa tecnológica avançada!

65

CENA 147

VADINHO Ficou doido!
DONA QUINHA Este país precisa de escolas, Neném!
NENÉM É o interesse coletivo, Vadinho.

CENA 148

NARRADOR Exageros, senhores! Cada coisa em seu lugar.
Cassino é cassino, igreja é igreja. Bordel, senhoras
honestas, é a escola da vida!

CENA 149

DONA QUINHA Sem escola, não há produção.
NENÉM Precisamos de muita escola, Vadinho!
VADINHO Você está dilapidando a nossa cultura.

CENA 150

CORONEL BONFIM *(Grita.)* - Poeta dos famintos, cadê você?

CENA 151

NARRADOR *(Apocalíptico.)* - Mais problemas!

CENA 152

CORONEL BONFIM Chegou a hora. Não podemos mais esperar.
ADALTO CHUPA-FUMO O que é que o senhor não vai mais esperar, doutor

coronel?

CORONEL BONFIM Não é da sua conta, poeta estuprador de versos!

CENA 153

NARRADOR (*Malicioso.*) - Está nervoso. Eu sei por quê. As cacetadas! Não estão funcionando. Dona Quinha não emprenha. E o coronel doido pra apresentar o bucho da mulher nos palanques!

CENA 154

DONA QUINHA (*Mexendo a massa.*) - Eu vou ao médico!

CORONEL BONFIM Proíbo! Homem nenhum vai ver suas partes. Meu destino é mesmo me casar com mulher xucra! (*Para Adalto Chupa-Fumo.*) Vamos nos divertir, poetinha dos versos xucros! Estou de olho naquela francesinha.

ADALTO CHUPA-FUMO A Rosiclé?

CORONEL BONFIM Essa mesma!

ADALTO CHUPA-FUMO Maranhense, doutor coronel!

CENA 155

NARRADOR Senhores, Dorinha tinha sido dispensada com uma gloriosa botinada no traseiro. Ah, que deliciosa carne! Que petisco! Uiva feito uma cadelinha. (*Sério.*) Admito, senhores. Eu como sobra de coronel. Mas sobra da boa, xibiu em brasa!

CENA 156

- VADINHO *(Entra Vadinho, pela lombada de Tieta do Agreste, perseguido por Perpétua. Neném está triste.)* - Vade-retro, jararaca!
- PERPÉTUA *(Sensual e bêbada.)* - Vem cá, meu anjinho loiro!
- VADINHO Faça alguma coisa, Neném! Tira esse urubu daqui!
- NENÉM *(Sem ânimo, manuseando.)* - Aproveite, Perpétua. *(Continua a perseguição, Neném se diverte.)* Pega ele!
- VADINHO Vou levar essa jararaca pro Bataclan! Lá, ela vai picar um monte de coronel besta! *(Entra em Gabriela Cravo e Canela.)*
- PERPÉTUA Vem cá, meu anjinho loiro!
- NENÉM O Bataclan não existe mais!
- VADINHO *(Para, sai.)* - O quê?
- NENÉM Virou escola.
- VADINHO O famoso cabaré de Ilhéus? Você fez isso? *(Ainda perseguido, entra em Dona Flor e Seus Dois Maridos.)* Pois eu vou reabrir o Bataclan! As professoras precisam ter um ofício mais nobre!
- PERPÉTUA Vem cá, meu anjinho loiro!
- VADINHO *(Em off.)* - Vá pro inferno, satanás do agreste! Cadê você, minha Florzinha? Farmacêutico de uma figa! Vai desocupando!

CENA 157

- ADALTO CHUPA-FUMO *(Aproxima-se de Neném.)* - Ânimo, rapaz!
- NENÉM Onde está minha mãe?
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Irritado.)* - Deixe sua mãe em paz!

CENA 162

NARRADOR Em passado não se mexe. É bomba-relógio!

CENA 163

NENÉM (*Chora.*) - Mainha...!

DONA QUINHA Sem a mãe, pobrezinho! (*Dura.*) E também sem pai.

CENA 164

NARRADOR (*Solene.*) - Senhores! Estamos diante de mais uma terrível revelação. Senhoras, é possível alguém ter um pai estéril?

CENA 165

NENÉM (*Está nervoso. Vadinho sai de Gabriela Cravo e Canela.*) - Aonde é que você vai? Preciso falar com você!

VADINHO (*Querendo entrar em Bahia de Todos os Santos.*) - Vou dar uma caminhada na praia! Em Itapuã!

NENÉM (*Arrastando-o para fora, enquanto Perpétua, bêbada, sai de Gabriela Cravo e Canela.*) - Volte aqui, seu vadio à toa!

VADINHO (*Vendo Perpétua, tenta fugir.*) - Então me livre dessa doida!

NENÉM (*Instigando Perpétua.*) - Vai lá, doçura!

PERPÉTUA Vem cá, meu anjinho loiro!

VADINHO Porra, é sacanagem!

NENÉM Você não é Vadinho, o come-lhe-tudo?

VADINHO Bafo de jararaca eu não topo!

NENÉM Preciso de você!

VADINHO Vade-retro, mulher do capeta!

NENÉM Você dá conta de engravidar Dona Quinha?

VADINHO *(Para.)* - A turca?

NENÉM Ela mesma!

VADINHO Você quer que eu corneie seu pai?

PERPÉTUA *(Agarra Vadinho.)* - Meu anjinho...

NENÉM *(Ameaçador, insinua.)* - Pra quem corneou o coronel Amâncio...

VADINHO *(Acovarda-se.)* - Quando?

NENÉM Pra já. *(Perpétua é afastada para a lombada de Tieta do Agreste.)* Volta pro agreste, minha doçura! Vá procurar o bode Inácio.

VADINHO *(Aproximando-se de Dona Quinha por trás, cheio de malícia.)* - Minha doçura... vamos brincar um pouco? *(Torna-se invisível.)*

CENA 166

NARRADOR *(Sentada, fazendo acarajé, Dona Quinha mexe-se, excitada, bolinada por um Vadinho invisível. O Narrador se irrita, indignado.)* - Vamos voltar à política, senhoras! Lá a safadeza é mais interessante. A candidatura do coronel ao Senado não empolgava o partido. Queriam passar-lhe a perna. Jogar meu coronel de volta pra Câmara

estadual.

CENA 167

- CORONEL BONFIM *(Enquanto se desenrola a cena, ao fundo, Dona Quinha continua sendo bolinada.)* - A Câmara estadual é o chiqueiro da política! Ali eu não boto meu pé!
- DONA QUINHA O que é que eu estou sentindo nas partes, Senhor do Bonfim?!
- ADALTO CHUPA-FUMO Vamos tentar de novo a federal, doutor coronel...
- CORONEL BONFIM Federal? Você está me chamando de quê? De safado?
- DONA QUINHA *(Safada.)* - Ai, meu Deus! Protege-me!
- CORONEL BONFIM Não vou manchar minha reputação por pouca coisa!
- DONA QUINHA Que safadeza gostosa é essa, meu paizinho...?!
- CORONEL BONFIM Agora que posso ter quantos votos eu quiser, agora que eu posso dominar o mundo, eles não vão me deixar chupando o dedo, poeta dos desamparados! Vamos procurar outro partido.
- ADALTO CHUPA-FUMO É pra já, doutor coronel!
- DONA QUINHA Va...dim...?!
- CORONEL BONFIM *(Dona Quinha põe-se a mexer a massa cada vez mais rápido, sôfrega.)* - Eu só quero um quintal maior, poeta! Um quintal de oito milhões de quilômetros quadrados!
- DONA QUINHA *(Sensual.)* - Vadioooo!

CENA 168

NARRADOR Dois milagres aconteceram, senhoras! Dois! Ao mesmo tempo.

CENA 169

NENÉM *(Indignado, para Vadinho.)* - Você ficou maluco?

CORONEL BONFIM *(Feliz.)* - Um grande homem tem sempre que esperar. A justiça não tarda, poetinha! Ela perde o rumo, mas sempre encontra o caminho de volta.

NENÉM Presidente da República, ele?! *(Aponta o coronel.)* Ficou doido?

VADINHO *(Perseguido por uma Perpétua excitadíssima.)* - Você prometeu mandar essa jararaca pro zoológico!

CORONEL BONFIM *(Abraçando Adalto.)* - Presidente da República, meu Rui Barbosa!

NENÉM Você vai fazer o partido retirar a candidatura!

VADINHO Meu sonho é cornear um presidente.

NENÉM Aonde é que você vai?

VADINHO *(Entrando em Tereza Batista Cansada de Guerra.)* - Aqui em Tereza Batista a bexiga negra corre solta. Quem sabe a peste mate essa viúva-negra. *(Puxa Perpétua para dentro da lombada.)*

NENÉM *(Pilotando o mouse.)* - Você não vai fugir agora não. Volte aqui! *(Desespera-se ao perceber que não tem mais controle sobre Vadinho.)* Venha cá! O que é que está acontecendo com esse *mouse*? *(Bate o mouse na mesa.)* Você tem que me obedecer! Perpétua! *(Perpétua aparece, manipulada)* Onde está aquele filho da puta?

- PERPÉTUA *(Encanta-se por Neném.) - Vem cá, meu anjinho moreno!*
- NENÉM *Não! (Perseguido por Perpétua, começa a correr.) Vadinho! Vadinho, seu desgraçado!*
- PERPÉTUA *(Agarra Neném e joga-o na cama de ferro.) - Vem cá, com sua Perpétua!*
- NENÉM *Vadinho! Socorro!*
- VADINHO *(Entrando, diverte-se.) - Manda o pau, Nenenzinho!*
- NENÉM *Desgraçado!*
- VADINHO *(Gargalha.) - Toda viúva é mulher honesta!*

CENA 170

- NARRADOR *Agora vai dar certo! Força, Neném! (O narrador e Vadinho se abraçam, torcendo para que Neném consiga a façanha de comer Perpétua, que se debate e resmunga.)*

CENA 171

- CORONEL BONFIM *(Entra, feliz. Neném continua tentando fornicar com Perpétua, sem sucesso.) - A Turquinha embuchou, poeta dos versos escrotos! Cadê você? A Turquinha embuchou!*
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Feliz.) - Cantarei sua macheza em decassílabos camonianos, doutor coronel!*
- CORONEL BONFIM *Vai, cante minha macheza em decassílabos pelas ruas de Bonfim! Eu vou ser pai de novo, poeta dos machos!*
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Declama.) - Deu-s'em Bonfim uma pontaria*

certeira / Um homem macho numa mulher
parideira / o macho é nosso honrado coronel
Bonfim / a parideira noss'onesta dama Quinha!

CORONEL BONFIM

Finalmente vou ter alguém que se orgulhará de mim! Por que esse traste aí, poetinha, nascido de mulher-dama, não conta. O que conta é filho nascido em cama honesta!

CENA 172

NENÉM

(Feliz.) - Vadinho vai-me ajudar a procurar minha mãe, poeta.

ADALTO CHUPA-FUMO

(Assustado.) - Pra quê?

NENÉM

Por que não, poetinha?

ADALTO CHUPA-FUMO

Você não precisa saber de que cama veio!

NENÉM

Pra poder ser homem, eu preciso, sim!

CENA 173

NARRADOR

(Alterado.) - As senhoras sabem o que é uma cama honesta? É aquela que podemos mostrar pra todo mundo. É ou não é?! Os senhores conhecem a cama de onde vieram? Todos aqui conhecem? O senhor, aí. Nenhuma dúvida... não? Quem não conhece a cama de onde veio, o que é?

CENA 174

NENÉM

Bastardo, eu? Nunca! Eu vou procurar a cama onde nasci, mainha! *(Decidido.)* Vadinho! Vadinhooo!

CENA 175

NARRADOR

Os senhores podem me dizer em que políticos votaram nas últimas eleições? Que deputado escolheram? Governador? Presidente?! (*Jocoso.*) Não sabem, não é? Não têm a menor ideia onde enfiaram seus votos...! Pois os senhores são uns bastardos! Eu sei em quem eu votei. Nele! (*Aponta o coronel Bonfim.*) Nele e em todos aqueles em que ele me mandou votar. Os coronéis não geram cidadãos bastardos! Nunca! Porque quem vota em coronel nunca esquece!

CENA 176

NENÉM

(*Triste, e irritado com o mouse*) - Esta merda não funciona...! Venha cá!

VADINHO

Não adianta ficar nervoso. Não vou.

NENÉM

Você vai mandar o partido retirar a candidatura.

VADINHO

Não dá mais tempo. A eleição chegou.

NENÉM

É só fazer ele desistir!

VADINHO

(*Desconversa.*) - Presidente é só enfeite.

NENÉM

Mas é ele quem assina.

VADINHO

Assina o que mandam.

NENÉM

Aí é que está o perigo.

VADINHO

Meu sonho é cornear um presidente.

NENÉM

(*Implorando.*) - Você quer é cornear o país!

VADINHO

(*Interessado.*) - Meu sonho é ajudar a melhorar este país. Você sabe que eu posso tudo! (*Aproximando-se da roleta, Cassino Palace.*) Vai dar de novo o 17...! (*De fora. Crupiê grita:*

dezessete!)

CENA 177

CORONEL BONFIM As eleições chegaram, poeta dos versos incompreensíveis!

ADALTO CHUPA-FUMO Chegou a sua hora, doutor presidente!

CORONEL BONFIM E se aquele bastardo não conseguir roubar os votos?

VADINHO O coronel acha que você vai roubar os votos pra ele, Neném!

NENÉM Deixa o babaca ir pensando!

CORONEL BONFIM E se o computador falhar, poeta dos aflitos...?!

CENA 178

NARRADOR *(Solene.)* - Computadores são monstros descidos do céu! E monstros não falham, meu mui coronel!

CENA 179

VADINHO Tenho aqui a lista do que vamos mandar o coronel assinar quando ele estiver lá no palácio.

NENÉM Você vai me ajudar a destruir esse monstro!

VADINHO Eu estou fora do livro, esqueceu? Você me colocou no mundo da realidade, agora me agunte, perdeu o controle. Amanhã vou viajar por este país... De norte a sul! De leste a oeste! Vou fazer cada cidadão, os honestos, os ignorantes, os ladrões, os infelizes, todos vão votar no coronel Bonfim! *(De fora. O crupiê*

grita: dezessete!)

- NENÉM *(Percorrendo o mouse, entra em desespero.) - Droga! Cadê você?*
- VADINHO *(Invisível.) - Estou aqui, em Brasília!*
- NENÉM *Volte, vadio à toa!*
- VADINHO *(Reaparece.) - O vadio voltou. Com uma plataforma de governo!*
- NENÉM *(Tenta agredir Vadinho, que fica invisível.) - Não quero ouvir.*
- VADINHO *(Invisível.) - Vai ouvir sim! Todos vão ouvir! Estou aqui em Manaus. Que calor do cacete! Vou pra Curitiba. Ah, aqui 'tá melhor! Vamos transformar o Brasil num grande cassino. Vamos diminuir a quantidade de escolas. Pra que tanta escola? Professor ganha muito bem. Mais que médico. Não pode! Saúde é mais importante. Neném, médico também ganha muito, não acha?*
- NENÉM *(Vadinho reaparece, Neném abandona o mouse e tenta empurrar Vadinho para dentro da lombada de Dona Flor e Seus Dois Maridos. Suplicando.) - Jorge Amado, me ajude! Entra, desgraçado!*
- VADINHO *(Esquiva-se.) - Vamos legalizar todos os jogos! Vamos poder montar rinha onde quisermos! Cada praça terá uma!*
- NENÉM *(Grita.) - Jorge Amado, socorro!*
- VADINHO *Este país está muito chato. Pra que trabalhar tanto? Jornada de dez horas por semana!*
- NENÉM *(Vai até o mouse e começa a manipular.) - Dona Flor! Ela vai me ajudar...!*
- VADINHO *Minhas senhoras, forniquem à vontade!*
- NENÉM *(Entra Dona Flor pela lombada de Dona Flor e*

NENÉM Não entendi, Mainha.

DONA QUINHA É natural defender os interesses particulares. Todo mundo faz isso...

NENÉM Mas... a senhora não disse que o interesse coletivo...

DONA QUINHA E os nossos desejos, Neném?

NENÉM Que desejos, mainha?

DONA QUINHA Eu quero ser primeira-dama!

NENÉM Mas... o coronel Bonfim é o atraso...

DONA QUINHA Eu quero ser a primeira-dama do Brasil, Neném! Vadinho simboliza a democracia. Ele é o que todos nós queremos ser! Nós só precisamos ser felizes, Neném!

CENA 180

CORONEL BONFIM *(Ansioso.)* - Hoje é o dia, poetinha!

ADALTO CHUPA-FUMO Tudo sob controle, doutor coronel!

CORONEL BONFIM Onde está o bastardo?

ADALTO CHUPA-FUMO Lá dentro, no computador.

CORONEL BONFIM Ótimo!

NENÉM *(Agitado, manuseando o mouse. As lombadas dos livros vão abrindo e fechando, nervosas, uma a uma.)* - Vadinho! Vadinho!

(Enquanto a cena se desenrola, aparecerá uma cabine de votação, tendo à frente um letreiro, onde irá aparecendo o nome de cidades brasileiras, cada vez mais em velocidade. Dentro da cabine, ao lado do votante, Vadinho,

manipulando os votos. A coreografia dará a ideia de um Vadinho percorrendo as urnas por este Brasil afora.)

DONA QUINHA Deixe Vadinho em paz!

NENÉM Fique fora disso, mainha!

DONA QUINHA *(Desespera-se.)* - Vadinho simboliza o desejo popular!

NENÉM O interesse coletivo, mainha...

DONA QUINHA Pura ilusão! Não existe interesse coletivo.

NENÉM *(Desespera-se.)* - Existe, sim!

DONA QUINHA Você sabe o que é um coronel, Neném? *(Silêncio.)*

CENA 181

NARRADOR Eu sei!

CENA 182

DONA QUINHA Sabe nada, Neném!

CENA 183

NARRADOR Coronel é um homem honesto, que precisa usar a safadeza pra alavancar o país rumo ao progresso!

CENA 184

DONA QUINHA Está ouvindo?

CORONEL BONFIM Vou levar a Rosiclé pra Brasília!

- ADALTO CHUPA-FUMO A francesinha maranhense?
- CORONEL BONFIM Foi ela quem me ajudou a vencer essa dura batalha.
- ADALTO CHUPA-FUMO Não fica bem, doutor presidente!
- CORONEL BONFIM Como não fica bem? Agora que fui eleito, vou abandonar as putas? O meu sustento ideológico?!
- DONA QUINHA O povo não quer saber de interesse coletivo, Neném!
- NENÉM *(Chora.)* - Por que é que o Vadinho fez isso com a gente, mainha?
- DONA QUINHA *(Sensual.)* - Cadê meu anjo loiro?
- CORONEL BONFIM Onde está Dona Quinha? Ultimamente ela anda esquisita...!
- ADALTO CHUPA-FUMO É a gravidez.
- DONA QUINHA Vadinho...!
- NENÉM *(Olha para a plateia, acompanhando Vadinho invisível, que se insinua entre o público, criando um ar de suspense.)* - Vem pra cá, seu vadio à toa! Vadinhoo! Aonde é que você vai? Não faça isso... Não! Essa senhora não! Ela é honesta demais pra você!
- DONA QUINHA *(Para Vadinho, sensual.)* - Vadinho, seu safado...!

CENA 185

- CORONEL BONFIM Vamos moralizar este país, poeta! De norte a sul! Prometo acabar com a esterilidade que paralisa a política brasileira. Até a corrupção neste país é estéril, poetinha! Os nossos políticos roubam por nada, sem um propósito!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Sério e indignado.)* - Absurdo!

- CORONEL BONFIM Vamos gerar dez milhões de empregos! Você acha pouco? Ou muito?
- ADALTO CHUPA-FUMO Pouco.
- CORONEL BONFIM Vamos fornecer comida pra todo mundo. É possível?
- ADALTO CHUPA-FUMO É.
- CORONEL BONFIM Terra pra todo mundo! Será que dá?
- ADALTO CHUPA-FUMO Vai dar, presidente!
- CORONEL BONFIM Casa! Nem que seja uma folha de zinco! O social, Adaltinho! O social será nossa prioridade. Duvida?
- ADALTO CHUPA-FUMO Duvido não, excelência!
- CORONEL BONFIM *(Agredindo-o, raivoso.)* - E não é pra duvidar mesmo, poeta das incertezas! Duvidar do presidente é duvidar da nação!

CENA 186

- NENÉM Onde é que está aquele canalha...! Vadinhoo! *(De frente para as lombadas.)* Coronel Amâncio Leal! Ele comeu sua Glorinha! Capitão Natário! Ele comeu sua afilhada! Cornos de Jorge Amado, saiam todos! Vadinho está aqui! *(Numa enorme tela, o nome dos políticos, da última eleição no Brasil, com seus percentuais de votos, por Estado, como uma alegoria de que as coisas não mudaram.)* Filho do demo! Você elegeu todos eles! Os mesmos!
- VADINHO *(Invisível, bolinando Dona Quinha, que se faz safada.)* - Cadê minha Florzinha? Estou com saudade da minha Florzinha... Meu tesãozinho...
- DONA QUINHA *(Entre excitada e nervosa.)* - Abre a lombada de

Dona Flor pro Vadinho entrar, Neném! Obedece a primeira-dama!

NENÉM Não! Você nunca mais entrará nesse livro. Conhecerá seu inferno aqui, neste país!

VADINHO *(Ainda invisível, tenta arrombar a lombada de Dona Flor e Seus Dois Maridos.)* - Eu não existo sem Dona Flor e Seus Dois Maridos! *(Volta-se.)* Você quer conhecer sua mãe, é isso?

NENÉM É o que eu mais quero!

VADINHO Abre!

NENÉM Onde é que ela está?

VADINHO Primeiro abre.

NENÉM *(Entreabre a lombada. Nervoso.)* - Onde?

VADINHO Na tela do computador! Leia! *(Entra na lombada de Dona Flor e Seus Dois Maridos enquanto Neném se põe a ler. Em off.)* Florzinha! Minha Flor! Porra de farmacêutico! Não fode nem sai de cima! Chispa, porra!

CENA 187

CORONEL BONFIM *(Entrando, muita excitação, repórteres, azáfama.)*
- Cadê o poeta pra me ajudar a fazer o discurso? *(Dona Quinha entra. Percebe-se já a barriga acentuada.)* Minha primeira-dama! *(Beijam-se.)* Cadê o poeta? Eu preciso fazer um pronunciamento ao povo brasileiro. Sumiu? E meu filho? Preciso dar um abraço no meu filho! Afinal, agora temos que ser amigos. Ele será meu assessor particular. Levaremos o computador pra Brasília. Vou poder me reeleger quantas vezes eu quiser. Vou ficar trinta anos no poder, Turquinha! *(Vendo Neném, aproxima-se dele com medidas,*

querendo abraçá-lo.) Vem cá, meu filho...!

NENÉM

Filho o cacete!

CORONEL BONFIM

O que é que ele está dizendo, Turquinha?

DONA QUINHA

(Censura.) - Neném! São modos?!

NENÉM

Meu pai é o poeta!

CENA 188

NARRADOR

(Nervoso.) - Não, pelo amor de Deus, não!

CENA 189

CORONEL BONFIM

Que história é essa?

NENÉM

O poeta matou minha mãe!

CORONEL BONFIM

Madalena Chora-Manso?

CENA 190

NARRADOR

Pra que tudo isso agora... Eu explico... Eu tinha que fazer aquilo! Eu sei que as senhoras me entendem...

CENA 191

CORONEL BONFIM

O poeta é seu pai... O desgraçado!
(Desorientado.) Ele... ele me corneou!?

DONA QUINHA

Neném, o que é que você vai fazer?

NENÉM

(Com um revólver apontando a têmpora, na outra mão o mouse.) - Vou me matar.

DONA QUINHA

Não faça isso!

NENÉM

Eu preciso, mainha! Vou ser como Vadinho! Vou vagar por este país! Pode ficar tranquila, mainha, eu vou consertar o Brasil... igualzinho como nós dois sonhávamos, lembra? Nossos sonhos continuam, mainha! O presidente não vai estragar...

DONA QUINHA

(Grita.) - Não!

NENÉM

Saio desta vida pra entrar nos livros de Jorge Amado! *(Entra na lombada de Dona Flor e Seus Dois Maridos. Ouve-se um tiro.)*

CENA 192

(A cena mostra a rampa do Palácio do Planalto. Embaixo, cumprimentando o povo, o presidente empossado, Jorge Bonfim, e a seu lado, grávida, Dona Quinha, tendo ela de um lado Vadinho, e do outro o menino, nus. Enquanto o casal cumprimenta e retribui os cumprimentos, os dois conversam.)

VADINHO

Viu a mulher do ministro da Educação? Gostosa!

NENÉM

Pare com essa conversa.

VADINHO

Você prometeu me dar o Ministério dos Transportes, mas eu não quero! Ministro de mulher feia eu não quero!

NENÉM

Vou lhe dar os Ministérios Militares.

VADINHO

Vade-retro, satanás! Eu quero o ministério da Educação!

NENÉM

Psiu!

VADINHO

Esqueci que o broxa não...

sempre uma safadeza! Por isso, somos o que somos, graças aos coronéis! Não se iludam! Eles são necessários! Eles estarão sempre aqui, nos acompanhando na nossa história. Não acreditam em mim? Tudo bem. Eu entendo. Só não quero que me culpem de uma coisa. De ter implantado no Brasil a República dos Cornos! (*Neném corre para empurrar a arma, mas chega tarde, depois do disparo. O tiro acerta por trás, nas costas, à altura do peito do poeta.*) Me acertaram, senhoras! O... o coração! Boa pontaria... Meu saudoso coronel Benvindo ia gostar...! (*Delira.*) Meu coronel Benvindo, o cacau já está amarelando...! Olha... Eu disse pra vosmecê! Cuidado com a tocaia! (*Tenta se virar.*) Neném, meu filho, sua mãe era a melhor de todas! Ah, como fornicava sua mãe... nua, vestida de cetim, em pé..., na soleira... chorando mansinho do começo ao fim... (*Respira com dificuldade, antes de desfalecer.*) É... Eu... eu acho que eu me diverti um bocado... (*Cai o pano.*)

FIM

Brasília/DF, 24 de junho de 2005.